



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
PPGAC

LUDMILLA COELHO DA SILVA

**A ARTE CIRCENSE NA ESCOLA: A LUDICIDADE E O
BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Uberlândia -MG
2023

LUDMILLA COELHO DA SILVA

**A ARTE CIRCENSE NA ESCOLA: A LUDICIDADE E O
BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC)/Mestrado do Instituto de Artes (IARTE) da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, linha 1: Estudos em Artes Cênicas: Poéticas e Linguagens da Cena, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof. Dra. Rita de Cássia Fernandes

Uberlândia - MG
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586a Silva, Ludmilla Coelho da, 1983-
2023 A arte circense na escola [recurso eletrônico] : a ludicidade e o
brincar no Ensino fundamental I / Ludmilla Coelho da Silva. - 2023.

Orientadora: Rita de Cássia Fernandes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7065>

Inclui bibliografia.

1. Artes cênicas. I. Fernandes, Rita de Cássia, 1976-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

Glória Aparecida
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	28/04/2023	Hora de início:	9:00h	Hora de encerramento:	11:00h
Matrícula do Discente:	12112ARC021				
Nome do Discente:	Ludmilla Coelho da Silva				
Título do Trabalho:	A arte circense na escola: a ludicidade e o brincar no ensino fundamental I				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas - Poéticas e Linguagens da Cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O CIRCO, O CORPO E SUAS (IN) VISIBILIDADES: UMA CARTOGRAFIA A PARTIR DE AÇÕES DE EXTENSÃO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS				

Reuniu-se remotamente a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professoras Doutoras Teresa Ontañón Barragán (UEMG), Ana Elvira Wuo (UFU), Rita de Cassia Fernandes (UFU), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Rita de Cassia Fernandes, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia Fernandes Miranda, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/04/2023, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Teresa Ontañón Barragán, Usuário Externo**, em 28/04/2023, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Elvira Wuo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/04/2023, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4453634** e o código CRC **B458FEE7**.

AGRADECIMENTOS

Muita gente é, foi e será importante na minha vida, na minha história e terei sempre a quem agradecer. Durante a elaboração deste trabalho de pesquisa interagi com pessoas que merecem todo o meu respeito e gratidão.

Meus professores. Todos que tive o prazer e a honra de aprender com eles, desde as séries iniciais, passando pela graduação e agora no mestrado, no esporte e na lona de circo. Muito obrigada por me ensinarem tanto, por compartilharem comigo parte do saber que carregam e me ajudarem a construir o que eu sei e quem eu sou hoje. Sem vocês nada disso seria possível.

A todos os circenses, que mesmo com tantas dificuldades, fizeram o circo chegar até os dias atuais com muita alegria, dedicação e amor. Quando eu pude não somente aprender tanto com esta arte, mas também me possibilitaram que eu pudesse seguir junto e também ensinar.

E às crianças, por me ensinarem tanto a cada aula, me ajudando a sempre manter viva a minha criança interior.

A vocês, o meu muito obrigada.

RESUMO

O debate sobre o espaço da arte circense na educação, mais precisamente na escola, tem se ampliado. Nesse sentido, importa também pensarmos sobre o papel da ludicidade para um ensino mais significativo e prazeroso da arte circense nos primeiros anos do ensino fundamental. Desse modo, esta pesquisa de natureza autoetnográfica parte de uma revisão bibliográfica sobre os temas: circo, escola e ludicidade para fazer uma correlação com o relato de experiência da minha prática em uma escola particular do Rio de Janeiro. O objetivo desta pesquisa foi analisar as possibilidades de ensino-aprendizagem da arte circense nos primeiros anos do Ensino Fundamental, tendo o brincar e a ludicidade permeando as vivências propostas. Além disso, identificar as possibilidades do ensino da arte circense, em sua abrangência, por meio das acrobacias, malabarismo e equilibrismo, enfatizando as vivências obtidas pela criança com o brincar. Os achados da pesquisa sinalizaram que ensinando de maneira lúdica, o circo pode ser desenvolvido por meio de brincadeiras e jogos sem repetições exaustivas, revelando um potencial maior na relação de ensino-aprendizagem, e no decorrer do processo, do que na observação de uma apresentação realizada ao final do ano.

Palavras-chave: Circo; escola; ludicidade; arte circense; autoetnografia.

ABSTRACT

The discussion about the space of circus activities in the education, specially at schools, is expanding. In this way, it is also important to think about the role of playfulness in a great education with pleasure in circus activities class, in the first years at the school. In this way, this autoethnography research begins with a previous bibliographical revision about the themes, circus, school, playfulness to make a correlation with my experience report in a private school in Rio de Janeiro. The objective of this research is to analyze the possibilities of the teaching-learning circus arts in the early years at school, playing and with playfulness permeating the proposed experiences. In addition, detect the possibles of teaching the circus arts in all of this coverage by its acrobatics, jugglings and balances, highlighting the experiences achieved by the kids playing. The findings of this research indicate that teaching in a ludic way, the circus can be developed with games and jokes, it can be played, without exhausted repetitions, discovering a bigger potencial in the teaching-learning and in the process, the presentation in the end of the year.

Keywords: Circus; school; playfulness; circus art; autoethnography.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Treino de nado sincronizado	14
Imagem 2 – Minha técnica Magali Cremona	15
Imagem 3 – Família Jamelão (Neiva, Jamelão e Cheila)	17
Imagem 4 - Espetáculo Universo Gentileza – Circo Crescer e Viver	18
Imagem 5 - Aula na ENCLO	20
Imagem 6 – Professora Ângela Cerícola	20
Imagem 7 – Professores ENCLO – Teco, Latur, Jamelão e Pirajá	20
Imagem 8 – Espetáculo Poropopó (minha família)	21
Imagem 9 – A Bailarina Aramista	24
Imagem 10 - Lona de Circo do filme Poropopó	32
Imagem 11 – Trapézio de voos	40
Imagem 12 - Equilibrando nos desafios	63
Imagem 13 – Mapa de localização das unidades do colégio Pirajá	66
Imagem 14 – Mapa da cidade do Rio de Janeiro com destaque para os locais com aulas de circo no Colégio Pirajá	66
Imagem 15 – Sala de Circo – unidade Cerícola	69
Imagem 16 – Sala de Circo – unidade Azevedo	70
Imagem 17 – Sala de Circo – unidade Carlo	71
Imagem 18 – Aula de Acrobacia de Solo	84
Imagem 19 – Aula de Equilíbrio	85
Imagem 20 – Apresentação de Final de Ano na Escola.....	88
Imagem 21 – Beber com uma só mão	92
Imagem 22 – Abra um Sorriso	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de bibliografias e locais de circo na escola	48
Quadro 2 – Critérios da ação lúdica	57
Quadro 3 - Materiais disponíveis para as aulas de circo	67
Quadro 4 – Divisões de jogos circenses	81
Quadro 5 – Divisão das modalidades circenses	82
Quadro 6 - Classificação das modalidades circenses em unidades didático- Pedagógicas	83
Quadro 7 – Pique pose	94
Quadro 8 – Estátua Acrobática -	95
Quadro 9 – Pique Caranguejo	96
Quadro 10 – Jacaré no Rio	97
Quadro 11 – Pique Circo	98
Quadro 12 – Pique Circo “Punk”	99
Quadro 13 – Atravessar o Rio	100
Quadro 14 – Resta 1	101
Quadro 15 – Pique Ilha	102
Quadro 16 – Pique Cola Circo	103
Quadro 17 – Jogo da Bola	104
Quadro 18 - Salto Maluco	105
Quadro 19 – Queimado circense	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EEFD – Escola de Educação Física e Desportos

ENCLO – Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha

GPT – Ginástica para Todos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNE – Plano Nacional de Educação

RJ – Estado do Rio de Janeiro

RN – Estado do Rio Grande do Norte

SP – Estado de São Paulo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 - Respeitável público! Com vocês, a minha trajetória	13
2 - No arame, os encaminhamentos metodológicos da pesquisa	24
2.1-Circo na escola: primeiras aproximações da pesquisa	24
2.2 - Aspectos metodológicos da pesquisa	27
3 - No picadeiro central, o circo.....	32
4 - No trapézio de voos, o circo na escola e os processos de ensino- aprendizagem.....	40
4.1 - Concepções de escola	40
4.2 - Panorama atual do circo nas escolas básicas	44
4.3 - Estratégias metodológicas de ensino do circo na escola: a ludicidade e o brincar	51
5 - Na bola de equilíbrio, uma experiência autoetnográfica do circo na escola ..	62
5.1 - Fazendo uma ponte sobre a autoetnografia	64
5.2 - Entrando na mala moscovita e conhecendo o campo estudado	65
5.3 - Na cartola do mágico: as crianças	73
5.4 - Na balança, o desenvolvimento do processo	76
5.4.1 - O ponto de partida	78
5.4.2 - Ao longo do ano	79
5.4.3 - O final do ano	86
6 - Com o palhaço, o circo em forma de brincadeira	92
7 - Considerações finais	108
Referências	113
Anexo	124

1 - RESPEITÁVEL PÚBLICO! COM VOCÊS, A MINHA TRAJETÓRIA

Sol, água gelada, música alta, gritos, risadas, amizade, amor, cansaço. Estas palavras poderiam significar tanta coisa... Mas é só mais um treino de nado sincronizado. O dia está lindo e o sol quentinho tocando na pele. Está um clima gostoso apesar da água gelada. A música da coreografia sempre está alta, mesmo com todas as reclamações.

Os gritos são da técnica que sempre fica chamando nossa atenção, para que a gente execute todos os movimentos com perfeição! No meio disso tudo estamos eu e minhas amigas, juntas, unidas, inseparáveis e, apesar das inúmeras broncas, ainda conseguimos dar boas risadas. Uma amizade verdadeira que ultrapassa as bordas da piscina, pois mais do que amigas, somos irmãs; nosso amor é único, mesmo com nossas diferenças e interesses diversos. E o meu amor pelo esporte... Esse faz com que tudo seja perfeito, apesar de ser muito cansativo. Trata-se de um cansaço físico - eu durmo, descanso e estou bem, não me importo com o rigor, a repetição, os gritos, a exaustão. Meu corpo já se acostumou com a sobrecarga de treinos e, embora inúmeras vezes reclame, ou me questione sobre essa rotina, no final eu sempre abro um sorriso e vejo o lado bom de estar ali diariamente.

Minhas amigas, no entanto, não; estão estressadas, psicologicamente esgotadas... Já não são tão felizes quanto eu. Uma brigou com a técnica e foi embora. A outra disse que se cansou e não voltou. A outra e mais uma e... Todas se foram. Hoje me dei conta, cadê? Para onde foram? Já não estão mais aqui. A piscina está vazia, só sobrou eu.

Não me importo com a repetição do dia a dia, com a rigidez, com as broncas, com a exaustão, mas as minhas parceiras sim. Talvez, se fosse mais leve e agradável, menos sofrido, elas ainda estivessem aqui comigo, afinal, são anos vivendo com esse amor e ódio, essa alegria e desespero.

Eu sempre quis a seleção brasileira, medalhas, foco, objetivos, resultados, logo, nada mais importava, mas para elas já não era bem assim. E juntas, a gente só queria se divertir...

Imagem 1 – Treino de nado sincronizado



Fonte: Arquivo pessoal (2004)

Esse é o relato poético de algumas memórias que narram um momento ímpar da minha trajetória, atrelada à exigência ininterrupta do esporte profissional, que teve seu começo quando ainda éramos crianças.

Aos oito ou nove anos de idade eu frequentava o Fluminense Football Club¹/RJ e não sabia se ser atleta era um sonho ou uma exigência. A lembrança é atual, mas se refere ao momento em que tinha vinte anos. Estava na faculdade e comecei a rever os caminhos do ensino-aprendizagem no esporte, e repensar sobre tal processo e as metodologias aplicadas na infância, bem como sobre a questão da especialização precoce.

Importante frisar que, se obtive inúmeras conquistas nacionais e internacionais, a minha técnica, Magali Cremona, foi também responsável pelos resultados alcançados. Magali iniciou no esporte quando o nado sincronizado surgiu no Brasil, em 1978, sendo técnica em três olimpíadas, diversos campeonatos sul-americanos e mundiais, dentre os quais competições internacionais, e também foi minha técnica na seleção brasileira.

¹Fluminense – clube carioca fundado em 1902 e um dos pioneiros no futebol brasileiro. Em 1978, ocorreu a chegada do nado sincronizado ao clube. (Fonte: <https://www.fluminense.com.br>)

Imagem 2 – Minha técnica Magali Cremona



Fonte: arquivo pessoal (2022)

Fui atleta de nado sincronizado por 15 anos, participando por 12 anos da Seleção brasileira desta modalidade. Conquistei campeonatos brasileiros e sul-americanos. Particpei de campeonatos mundiais e do pré-olímpico, sendo medalhista panamericana. Com essa trajetória, sei da importância de todo o processo de treinamento para o esporte de alto rendimento.

Quando escolhi cursar Educação Física, ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ², formando-me em Licenciatura Plena em 2005. Naquele momento estava claro para mim o caminho profissional que iria seguir: ser técnica de nado sincronizado em algum clube e, quem sabe um dia, da seleção brasileira. Mal sabia que o mundo daria muitas voltas e algumas piruetas, permitindo-me trilhar caminhos que eu não imaginava.

Contudo, incomodava-me como o esporte era ensinado para as crianças, sempre com aulas tecnicistas³, pois o importante era exclusivamente o

² UFRJ - primeira universidade criada pelo Governo Federal (1920). A Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) foi a primeira escola brasileira de educação física de nível superior ligada a uma universidade, tendo sua fundação em 1939. (Fonte: <https://ufrj.br> > <https://ufrj.br/acesso-a-informacao/institucional/historia/>)

³ Aulas tecnicistas são aquelas em que se faz uso apenas de educativos próprios, com repetições exaustivas dos mesmos movimentos, exclusivamente com o propósito de se ter domínio da técnica exigida naquela prática, neste caso a esportiva, mas também usada no ensino do circo.

aprendizado e desenvolvimento das técnicas. Valências físicas fundamentais para o desenvolvimento corporal de qualquer criança, como equilíbrio e resistência, eram deixadas em segundo plano, como consequência do desenvolvimento das técnicas específicas do esporte, o que fazia com que jogos e brincadeiras, os quais podem desenvolver as capacidades físicas e habilidades motoras de forma lúdica, fossem quase ignorados.

Trabalhei com o esporte no Fluminense, clube que representei como atleta e em algumas academias, mas inesperadamente me apaixonei pelo palhaço e “fugi com o circo”. Num primeiro momento, encontrei no circo um meio para voltar a exercitar meu corpo de forma intensa, como fazia no esporte. E, posteriormente, ainda no Circo Social⁴ - por meio do projeto do Crescer e Viver⁵ - vivenciei outras possibilidades. Tive o primeiro contato não só com essa arte, mas também com as famílias tradicionais, aquelas em que pai, mãe e filhos vivem e moram no circo, em seus trailers, passam de forma cotidiana e oralmente a tradição do ofício circense de geração em geração, tendo como primeiras professoras as integrantes da Família Jamelão: Cheila Adriana e Neiva Nascimento, esta última integrante do *Cirque du Soleil* na atualidade.

Por meio de uma conversa informal, obtive referências sobre a história dentro do circo dessa família e de cada professor que eu tive no circo, podendo compartilhar aqui esses relatos pessoais.

Cheila foi morar no circo ainda menina, quando a irmã mais velha se casou com um dono de circo, e, desde então, Cheila teve sua vida também no circo itinerante de lona, aprendendo acrobacia e contorcionismo. Aos 17 anos, quando um outro circo estava de passagem pela cidade, conheceu o Jamelão e seguiram juntos, formando a família Jamelão e uma linda trajetória artística no trapézio, pirofagia e como palhaços.

Neiva é a irmã mais velha da 2ª geração circense, tendo nascido no Circo da família Azevedo e começado nos picadeiros ainda criança, aos sete anos de

4 Modalidade de circo que utiliza a linguagem circense como instrumento de inclusão social, promoção da cidadania e transformação social, atuando com um diálogo pedagógico de forma educacional. (MACEDO, Cristina Alves - A educação e o circo social). Acessado em <https://www.circonteudo.com/a-educacao-e-o-circo-social/>, em 09.10.2022 -

5 Criado em 2001, como um projeto de circo social, hoje o Circo Crescer e Viver, organização localizada no Rio de Janeiro/ RJ, promove aulas de circo para crianças e formação para jovens. Maiores informações em: <https://crocrescereviver.org.br/sobre/>.

idade. Foi trapezista, acrobata, equilibrista, malabarista, mas sempre teve o contorcionismo como especialidade.

Imagem 3 - Família Jamelão (Neiva, Jamelão e Cheila)



Fonte: Arquivo de Neiva Nascimento (2017).

E como no circo itinerante de lona não eram apenas professoras, mas também incentivadoras, motivadoras e me indicavam o melhor caminho a seguir neste universo tão amplo que é a arte circense.

Além delas, o Jamelão (marido e pai, respectivamente), embora não fosse professor da instituição, também me acolheu e estava sempre presente me orientando e treinando, quando possível.

Jamelão, apesar de não vir de uma família circense, criou a sua história dentro do circo. Ainda jovem, em torno dos 13 anos de idade, quando um circo passava por sua cidade, começou a trabalhar lá como vendedor de balas, mas o que o levou até a lona foram o encantamento e a paixão pelo circo e seus truques, logo começou a aprender as artes circenses, começando pela perna-de-pau e a arte do palhaço, passando pelo trapézio, pirofagia e, por fim foi, capaz. Um artista completo e um capataz excepcional!

Posteriormente, tive a oportunidade de encontrar Jamelão em outra instituição de ensino, onde, mais uma vez, mesmo sem ser meu professor, estava sempre disponível para me orientar, ajudar e inspirar.

Naquela época, o projeto Crescer e Viver era voltado para dar oportunidade a jovens e crianças em situação de vulnerabilidade social das comunidades do entorno.

Entrei no limite da idade, 24 anos, e como tinha acabado de me formar ainda tinha uma renda que permitia minha matrícula. Lá passei por aulas de acrobacias de solo e aéreas, contorção, malabares, perna de pau, cama elástica e minitrampolim. As aulas aconteciam três vezes por semana, mas rapidamente tive a oportunidade de praticar diariamente, ao participar do espetáculo Universo Gentileza, que me deu inspiração para aperfeiçoar a técnica, como fazia no esporte.

Imagem 4 – Espetáculo Universo Gentileza – Circo Crescer e Viver



Fonte: Arquivo pessoal (2008)

Foi a partir desse espetáculo que tive o interesse em me aperfeiçoar, a fim de me profissionalizar no circo. No final de 2008 participei do processo seletivo para novos alunos e ingressei na Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha

(ENCLO)⁶, onde o meu aprendizado se deu, em grande parte com a tradição oral, aquela passada apenas oralmente, de geração em geração.

Minha linha de pesquisa e estudo sempre foi voltada ao circo tradicional, aquele em que a família participa de todo o processo, desde a montagem da lona, a venda de ingressos, de balas, ao ato principal no picadeiro, em que desde pequenas as crianças já aprendem o ofício e viajam junto com seus familiares. Esta escolha se deu, principalmente, por ter sido acolhida pelos professores oriundos de famílias tradicionais de circo, desde a minha primeira aula.

Assim, além de me ensinarem, sempre tinham aquele olhar e carinho de pai, tio, família, trazendo para a cena não apenas as minhas habilidades, mas trilhando caminhos para que meus filhos e meu marido, que é ator e palhaço, também estivessem comigo, como acontece no circo-família.

Compartilharei agora, informações a respeito da trajetória de meus mestres e de meu encontro com cada um deles.

Pirajá Bastos, 4^a geração circense, iniciou no picadeiro aos seis anos de idade fazendo icários com seu pai. Posteriormente, também tendo como especialidade a báscula, cama elástica, tranca e foca. Foi meu professor de bola de equilíbrio, tranca, palhaçaria, pai e amigo nas horas de folga, que aliás nunca existiram, já que posso recorrer a ele até hoje, em qualquer situação. Atualmente, aos 86 anos, ainda é professor de equilíbrio na ENCLO (tranca, rola-rola, bola e icários).

Latur Azevedo, primo de Pirajá, também da 4^a geração, e, assim como recorrente na família, entrou no picadeiro aos seis anos, estreando no arame, sua grande especialidade. Também fazia báscula e foi domador de animais. Ensinou-me a estalar chicote (o qual ele dominava como poucos), escada a três, arame, e, junto com o Pirajá, introduziu-me no mundo da palhaçaria.

Ângela Cerícola, 4^a geração da Família Cerícola, entrou em cena pela primeira vez quando ainda era um bebê, em uma peça de circo-teatro. Trapezista, acrobata, equilibrista, entre tantas outras habilidades que a vida no circo pequeno

⁶ Localizada no Rio de Janeiro, a Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha (ENCLO) foi fundada em 1982. Trata-se da maior escola de circo da América Latina, reconhecida, inclusive mundialmente. Atualmente, a ENCLO é a única escola mantida pelo Governo Federal no Brasil. O curso é de formação Técnico em Circo. Maiores informações em <https://www.gov.br/funarte/pt-br/areas-artisticas/circo-1/escola-nacional-de-circo-luiz-olimecha>

lhe ensinou; na ENCLO foi minha professora de trapézio, mas além dos truques, ensinou-me a montar aparelho, a dar um bom nó, a relacionar-me com o público, e segue em minha vida até hoje como exemplo, amiga e inspiração, continuando a me orientar no circo em tudo o que preciso.

Walter Carlo, exímio malabarista, me ensinou tudo o que sei em relação a manipulação de objetos, e estava sempre junto de Pirajá e Latur para me orientar no meu caminho com a palhaçaria. Uma vez que este já é falecido, não colocarei mais referências pessoais para não me equivocar nas informações. Junto de Jamelão, já citado anteriormente, são esses os mestres que me ensinaram, de forma muito semelhante a que haviam aprendido com seus pais e avós.

Imagem 5 – Aula na ENCLO



Fonte: Arquivo pessoal (2012)

Imagem 6 – Professora Ângela Cerícola



Fonte: Arquivo pessoal (2010)

Imagem 7 – Professores ENCLO – Teco, Latur, Jamelão e Pirajá



Fonte: Arquivo pessoal (2010)

Durante as aulas, sempre que possível, registrei com anotações, vídeos e áudios os conteúdos que me eram ensinados. Ainda na escola, tive acesso a cursos e oficinas com diferentes artistas e estudiosos ligados ao circo, como a professora Dra. Ermínia Silva, a qual me apresentou diferentes caminhos para o estudo dos aspectos históricos e contextuais do circo no Brasil e no mundo.

Ermínia é de família circense e hoje é uma das principais autoras e referência no país sobre a história do circo e seus desdobramentos e potencialidades. Desse modo, pude conhecer técnicas, trajetórias pessoais, além de um caminho de investigação e estudo fora da lona.

Com todo esse aprendizado meus mestres me mostraram a possibilidade de estar em cena “em família”. Além das acrobacias, descobri a palhaçaria, algo que me deu a oportunidade de trabalhar também com meus filhos. Atualmente estou em uma companhia familiar, juntamente com meu marido e meus filhos. O mais velho entrou em cena com dois anos de idade e minha filha mais nova já estava participando em nossas apresentações aos cinco meses. Nada foi intencional, mas assim como acontece nos circos itinerantes de lona, foi sendo um aprendizado permanente com o convívio durante os nossos ensaios, o que gerava uma curiosidade e vontade de “estar junto” em cena.

Imagem 8 – Minha família – Espetáculo Poropopó



Fonte: foto de Felipe Pilotto (2018)

Todo o aprendizado que tive, e ainda tenho, com a professora Ângela Cerícola foi essencial no caminho de desenvolvimento dos números com meus filhos e para o interesse na temática dessa pesquisa. A professora Ângela relata que aprendeu as técnicas circenses de forma lúdica com seu pai, o qual entendia o brincar como ponto de partida para as crianças estarem felizes, e assim, desenvolverem as técnicas que lhes eram ensinadas. Tal relato é bastante singular e diferente de tantos outros que ouvi de artistas circenses, pois chegavam até a sofrer violência física ou psicológica durante os treinamentos.

perspectiva do brincar me fez lembrar da época de faculdade, pois já estudava o desenvolvimento do esporte de forma lúdica; ademais, o fato de que essa professora teve e ainda tem sucesso na carreira artística. Em seu circo de lona fez-me acreditar ser possível o aprendizado do circo por crianças de forma lúdica.

Hoje, além de atuar na companhia como palhaça, acrobata, atriz e professora de circo em nossas oficinas, leciono em uma escola da rede particular de ensino, no Rio de Janeiro, com aulas de circo para crianças do Ensino Fundamental I. Desde que ingressei nessa instituição, precisei rever todos os meus conceitos já cristalizados sobre o ensino-aprendizado de circo, algo que me motiva nesta pesquisa.

Já havia lecionado a arte circense em projetos de curta duração em escolas públicas no Rio de Janeiro, projetos oferecidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC)⁷.

Também já havia ministrado oficinas de arte circense em festas, shoppings e eventos de cunho recreativo, em que o circo aparecia como um entretenimento. Além disso, também ministrei em espaços artísticos como a *Artric*,⁸ voltado para o desenvolvimento de técnicas circenses variadas, como acrobacias aéreas e de solo, por artistas e não artistas, visando ao aprimoramento da técnica.

7 Sesc – Serviço Social do Comércio - é uma instituição brasileira privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, com atuação em todo âmbito nacional, voltada prioritariamente para o bem-estar social dos seus empregados e familiares, com atividades de saúde, cultura, informação e lazer, mas também é aberto à comunidade em geral e leva várias atividades às comunidades do entorno em todo o país.

8 Artric – Studio de Artes Recreativas Integradas ao Circo – fundado em 2013 por Patrícia Sousa, formada na ENCLO para a prática do circo por circenses e não circenses.

Atuei em projetos de curta duração. Creio ser interessante a criança experimentar o maior número possível de habilidades corporais, motoras e a desinibição por meio do palhaço. Em projetos anuais ou semestrais, a apresentação final era o foco da experiência, a qual baseava todo o processo de acordo com os recursos disponíveis: materiais, espaço físico e pessoal.

Após quatro anos de experiências, dúvidas, conversas e trocas, surge a motivação para estudar de forma mais profunda o circo na escola, a fim de entender como trazer o ensino e desenvolvimento da técnica por meio de brincadeiras, de forma lúdica para a faixa etária do público escolar das séries iniciais.

Porém, logo no início da pesquisa, vivemos a pandemia do Covid-19, que fez com que as aulas presenciais fossem interrompidas em decorrência da necessidade do distanciamento social. Tanto as aulas às quais assistia como aluna no mestrado da UFU, quanto as aulas de circo em que ministrava na escola. Foi um período conturbado pois, simultaneamente, precisava aprender a pesquisar e desenvolver uma dissertação de mestrado, além de utilizar as novas tecnologias com as aulas remotas, somadas a um sentimento estranho causado pelo contexto vivido.

Com isso, parte da pesquisa teve a necessidade de ser reorientada, já que as aulas de circo nesta escola pararam, pois não vimos, por questões de segurança, que seriam viáveis de continuarem acontecendo de forma on-line. A pesquisa, no entanto, teve seu desenvolvimento e, com essa reorientação, começaremos apresentando a forma e a organização com as quais a pesquisa foi estruturada.

2. NO ARAME, OS ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Imagem 9 – A Bailarina Aramista



Fonte: arquivo Cinthia Nunes (2015)

Sou o equilíbrio do desequilíbrio, num constante malabarismo da loucura de ser quem sou e da sanidade que almejo ter.

Ket Antonio

2.1 – Circo na escola: aproximações ao objeto da pesquisa

A presente pesquisa “A arte circense na escola: a ludicidade e o brincar no ensino fundamental I”, traz como proposta analisar o papel da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem do circo para crianças no contexto escolar, tendo como base a potencialidade da pesquisa autoetnográfica para, a partir de uma forma crítica e autorreflexiva, discutir novos e profícuos caminhos (SANTOS, 2017) para o ensino da arte circense para crianças.

A respeito da temática do circo na escola e a ludicidade, buscou-se problematizar conceitos e estudos já realizados sobre o tema, além de analisar qual o espaço da ludicidade, do simbolismo e do brincar no ensino-aprendizagem do circo, a partir da minha própria prática docente em diálogo com a literatura

atual. Ademais, intencionou-se propor alguns princípios pedagógicos para o ensino do circo na escola - por meio do brincar - para fomentar a aprendizagem das práticas circenses pelas crianças.

Assim, por intermédio deste estudo, pretendo responder a questões como: “O circo pode ser ensinado de forma lúdica mesmo que seja com o intuito de desenvolver habilidades técnicas?”, “Será que desde criança precisamos desenvolver técnicas e habilidades a fim de se produzir resultados?”, “O caminho da construção das habilidades motoras não deveria ser mais importante do que o resultado de uma apresentação?” Nessa perspectiva, assim como na tese de Teresa Ontañón Barrágan (2016, p.26), esta dissertação *“se apresenta como uma maneira de promover a arte circense, que encanta crianças e que tem muito a nos ensinar tanto no âmbito artístico, corporal e estético quanto no âmbito educativo, de formação cidadã e humana”*.

Trago o circo não apenas como conteúdo de uma área de conhecimento, mas sim como a “disciplina” de conhecimento, tendo o intuito de não ministrar a arte circense somente em datas comemorativas, projetos isolados, por um curto período, mas durante todo o ano letivo. Desta forma, por se tratar de crianças entre seis a dez anos, a ludicidade tem um papel fundamental.

Portanto, é preciso deixá-las experimentar e explorar as atividades circenses com seus corpos brincantes, expressando sentimentos e vontades, qualidades e dificuldades Baroni (2006).

É necessário rever a forma de ensino de técnicas para as crianças e deixar que, por meio do brincar, cada uma no seu tempo, sejam vivenciadas as diferentes modalidades circenses como acrobacias, manipulação de objetos, equilíbrios e a palhaçaria.

Como apontado por Silva (2011) hoje o circo tem uma multiplicidade de formas de apresentação, modos de produção e locais para apresentações, possibilitando uma vivência por pessoas com fazeres diversos dos que já aconteceram em outros períodos da história. Tal arte era restrita apenas aos artistas que a praticavam como ofício, sendo a grande maioria oriunda de famílias circenses, cenário no qual o grande público era apenas expectador. (PEREIRA; MAHEIRIE, 2016). Hoje também podem ter a possibilidade da experimentação desta arte.

Com o aumento da oferta de locais em que se encontra o ensino da arte circense - a partir da década de 1970 no Brasil - iniciando pela Academia Piolin de Artes Circenses⁹ e ENCLO, em pouco mais de duas décadas, pudemos acompanhar o surgimento de muitas outras escolas e lugares para a prática do circo (DUPRAT, 2014)

Da mesma forma foi possível acompanhar o surgimento de inúmeros locais visando à formação, com objetivos e propostas distintas e nos mais diversos formatos (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016)

É no decorrer deste processo de democratização e abertura da arte circense para pessoas de fora da lona que o circo chega também às escolas, inserção esta que traz o reconhecimento do circo como parte do patrimônio cultural da humanidade, como citado por Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011) pois viabiliza e faz com que seja interessante sua prática também por crianças.

Apresentar a relevância do brincar nesta etapa da vida e o foco na infância que auxiliarão em uma interdisciplinaridade nos estudos (BEZERRA *et all*, 2014) trazer a ludicidade como centro do processo, colocando a criança e o seu momento como o ponto de partida para o desenvolver das aulas, criando uma relação com o ensino-aprendizagem e apontando caminhos para uma abordagem diferenciada para o ensino das artes circenses. Nessa perspectiva, como citado por Kishimoto *et all* (2019) diversos autores apontam a importância da brincadeira no centro da aprendizagem e a importância desta nesta etapa da vida. Partindo desta perspectiva, é preciso fazer da brincadeira o ponto de partida das aulas - e com elas e através delas - ensinar os conteúdos circenses de forma a torná-los prazerosos para todos.

Com a ludicidade, deve-se criar e recriar possibilidades para a troca e o aprendizado das técnicas, as quais não são o ponto focal da aula, mas sim o processo e a forma como elas lidam com os desafios, os medos, as inseguranças, frustrações e até mesmo com o sucesso e bom desempenho.

9 Primeira escola de circo do Brasil e da América Latina, fundada na cidade de São Paulo pela Associação Piolin de Artes Circenses, com amparo oficial do Governo Estadual. A escola funcionou entre 1978 e 1983 e encerrou suas atividades por falta de verba. Maiores informações em: <https://academiapiolin.wordpress.com/about/>

Por meio de momentos lúdicos, é preciso fomentar no processo de aprendizagem a vontade e a curiosidade, a fim de que se tente novamente uma tarefa na qual houve dificuldade, levando os alunos a sentirem-se instigados a buscar aprender o novo.

Admitindo que as atividades circenses possuem um papel no desenvolvimento de habilidades de expressão e artísticas (ONTAÑÓN; BORTOLETO; SILVA, 2013) trago novas possibilidades para o ensino e prática desta arte por crianças no ambiente escolar.

2.2 – Aspectos metodológicos da pesquisa

A partir de uma abordagem autoetnográfica, a pesquisa traz experiências, vivências e sentimentos na docência (ELLIS; BOCHNER, 2000), para tentar entender como tais experiências podem contribuir com o meio acadêmico, com o universo circense e com o contexto escolar. Assim, coloco em destaque minha prática docente, a fim de oportunizar também um processo de autoavaliação, com relatos que apresentam caminhos para o desenvolvimento das habilidades circenses de forma lúdica, por meio de jogos e brincadeiras.

Utilizo, também atividades que possam entremear o processo sem serem especificamente inerentes ao circo, mas que trabalhem suas habilidades de outras formas e maneiras diversas.

Demonstro e reafirmo, assim, o que já foi colocado por Forbel (1917), que o brincar é a parte mais importante da infância, sendo a chave para a nossa comunicação com as crianças. Por meio do brincar, desenvolvem-se as características humanas desde cedo, quando a criança se conecta a sociedade, logo, muito valiosa de ser inserida também no desenvolvimento da arte circense.

Sendo esta uma pesquisa qualitativa, em que a pesquisadora interpreta por meio de suas opiniões o fenômeno estudado (PEREIRA *et all*, 2018), além de algumas características comumente encontradas, como ocorrem em um ambiente natural, sendo a pesquisadora o principal instrumento, há uma coleta de dados preferencialmente descritiva, nesse sentido o processo tem uma predominância no produto, a notabilidade e o significado que as pessoas têm das coisas e acontecimentos é o importante para a pesquisadora, a indução tende a ser o

caminho da análise de dados pelo pesquisador (LUDKE; ANDRE, 2013), ademais, ratifico o caráter autoetnográfico, no qual a pesquisadora e investigadora é a própria sujeita que faz a prática a ser estudada (LOPES, 2012).

Ao realizar a pesquisa para melhor entender a autoetnografia, encontrei certa dificuldade na busca de autores brasileiros que realizem estudo segundo essa abordagem. Porém, identifiquei na literatura diversos autores que fazem uso desta metodologia em seus textos e obras, as quais embasaram a pesquisa.

Nessa perspectiva, é necessário ser sujeito pesquisador e, ao mesmo tempo, trazer as inquietudes e experiências do contexto social vivenciado por mim. Segundo Reed-Danahay (1997), antropologista que, em 1970, traz a autoetnografia como possibilidade de escrita, citada por Bossle e Neto, (2009, p.133) *“a autoetnografia é uma forma de autonarrativa, ou seja,(...) na perspectiva apresentada por essa autora, o sujeito que expressa o significado é o mesmo que interpreta e é autor.”*

Trazendo minha prática de forma clara e objetiva, por meio do relato do que tem acontecido nas aulas, o que funciona e, em contraponto, também aquilo que não funcionou tão bem, escrevo sobre o meu fazer e os desdobramentos das aulas com os estudantes, abrindo um caminho de possibilidades, conhecimentos e entendimentos por mim e pelos demais leitores sobre as propostas que trago aqui (ELLIS; BOCHNER, 2000).

Desta forma, irei abordar a prática pedagógica que exerço há seis anos em uma escola particular do Rio de Janeiro. Nela ministro aulas de circo para crianças de seis a dez anos (Fundamental I), no período integral. As aulas têm duração de 45 minutos, duas vezes por semana, em três unidades distintas. Os encontros transcorrem por meio de brincadeiras e atividades lúdicas, para a construção do interesse pelo desenvolvimento da técnica, sem a repetição exaustiva de movimentos. Não é objetivo principal da aula que o aluno, ao final do ano, durante a apresentação, execute movimentos e sequências difíceis, mas que sinta alegria de estar ali, em cena. Então, para cada aluno, aquela apresentação terá um sentido diferente: um superou a vergonha e está diante do público ou perdeu o medo de dar uma cambalhota, outro - durante as aulas - compreendeu o que é direita e esquerda, e, agora, já sabe com qual perna tem mais facilidade

para realizar o movimento da estrela, outro, por fim, superou-se e já consegue jogar os malabares sem complicações, destacando-se entre os demais.

Trata-se de uma aula em que o processo é mais importante do que o produto, sem excluí-lo. No entanto, para esse sucesso final não se fazem necessárias aulas apenas com repetições de movimentos já preestabelecidos, apesar da importância desses, que não devem ser descartados. É preciso visar uma aula em que a técnica pode caminhar junto com a ludicidade, em que a diversão pode estar aliada ao desenvolvimento de práticas corporais relativas às habilidades circenses. Ademais, como, individualmente, cada criança tem um potencial diferente a explorar, uma dificuldade a superar e em turma, através do brincar, chegamos ao desdobramento das habilidades corporais e técnicas de todos e de cada um.

Neste trabalho, tratarei do circo fazendo referência ao tipo de arte a qual nos referimos, pensando em sua história, trajetória e em todo o contexto relacionado a tal, mas

Falaremos das atividades circenses como representação das possibilidades de ação, de agir, que se encaixam dentro da linguagem circense, considerando, por exemplo, os malabares, a acrobacia ou os equilíbrios sobre objetos como diferentes atividades circenses (ONTAÑÓN, 2016, p. 31).

O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado em três etapas, sendo a primeira uma revisão bibliográfica dos conceitos abordados nos estudos e pesquisas já realizados sobre o tema.

A segunda etapa parte do estudo do local, da experiência prática, da coleta de materiais, como relatórios, fotos, diários de classe das aulas, que já acontecem na escola escolhida como referência.

A terceira etapa se deu pela análise de dados, comparando e correlacionando o observado na prática ao que está fundamentado na teoria.

O local escolhido para a pesquisa foi o Colégio Pirajá¹⁰, escola particular da cidade do Rio de Janeiro, que conta com unidades espalhadas por seis bairros e

¹⁰ Nome fictício da escola e de suas unidades, sendo mantidas as localizações regionais.

dois bairros na cidade de Niterói. A escola oferece aulas de atividades circenses em três dessas unidades no Rio de Janeiro, as quais possuem o período integral para os alunos do Fundamental I. Neste período chamado integral, no contraturno escolar, as crianças têm quatro tempos – com 45 minutos - de aulas pela manhã de atividades extras como circo, dança, futebol, xadrez, orientação de estudos, entre outras.

As atividades circenses acontecem duas vezes por semana em todas as unidades, mas vale ressaltar que nem todas as crianças fazem as duas aulas por semana, já que nem todas frequentam o período do Integral todos os dias. As aulas podem ocorrer às segundas e quartas-feiras na unidade, mas o aluno frequenta o período do integral apenas nas quartas e sextas-feiras, participando das aulas apenas uma vez por semana, por exemplo.

As aulas ocorrem em três unidades em bairros e regiões distintas da cidade: unidade Cerícola – na zona sul, unidade Azevedo – na zona oeste e unidade Carlo – na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Existindo uma sala para a realização das aulas (apesar de não serem exclusivas) com tatames e colchões, dispendo também minitrampolins, que não são específicos para acrobacias, mas atendem a pequenos saltos e atividades em que se faz uso para pequenas de impulsões, além de materiais como malabares e bola de equilíbrio, que circulam pelas unidades.

As unidades e os espaços que se constituem para as aulas ao longo dos anos geralmente sofrem alguma modificação para adequações das turmas e horários dentro da escola, porém nada que altere potencialmente estas configurações apresentadas anteriormente.

É por meio da experiência desta escola, que conta com o ensino da arte circense em unidades, bairros, com espaços, materiais e alunos diferentes, que farei este estudo. Assim, por meio das questões que o orientam, busco sensibilizar outros docentes a trabalhar tal arte de forma lúdica com as crianças, para podermos, cada vez mais, difundir a arte circense no ambiente escolar.

Para a primeira etapa, foi desenvolvida a revisão bibliográfica a fim de poder mapear a produção acadêmica sobre o tema, assim como apontado por Lakatos e Marconi (2003), para que, a partir do que já foi escrito, possa fazer perguntas norteadoras novas com focos ainda não pesquisados e abordados sobre o tema, ou, pelo menos, que se possa ter uma nova perspectiva sobre o assunto. Para esta revisão, busquei maior aproximação com a literatura que dialogue com a proposta desta pesquisa.

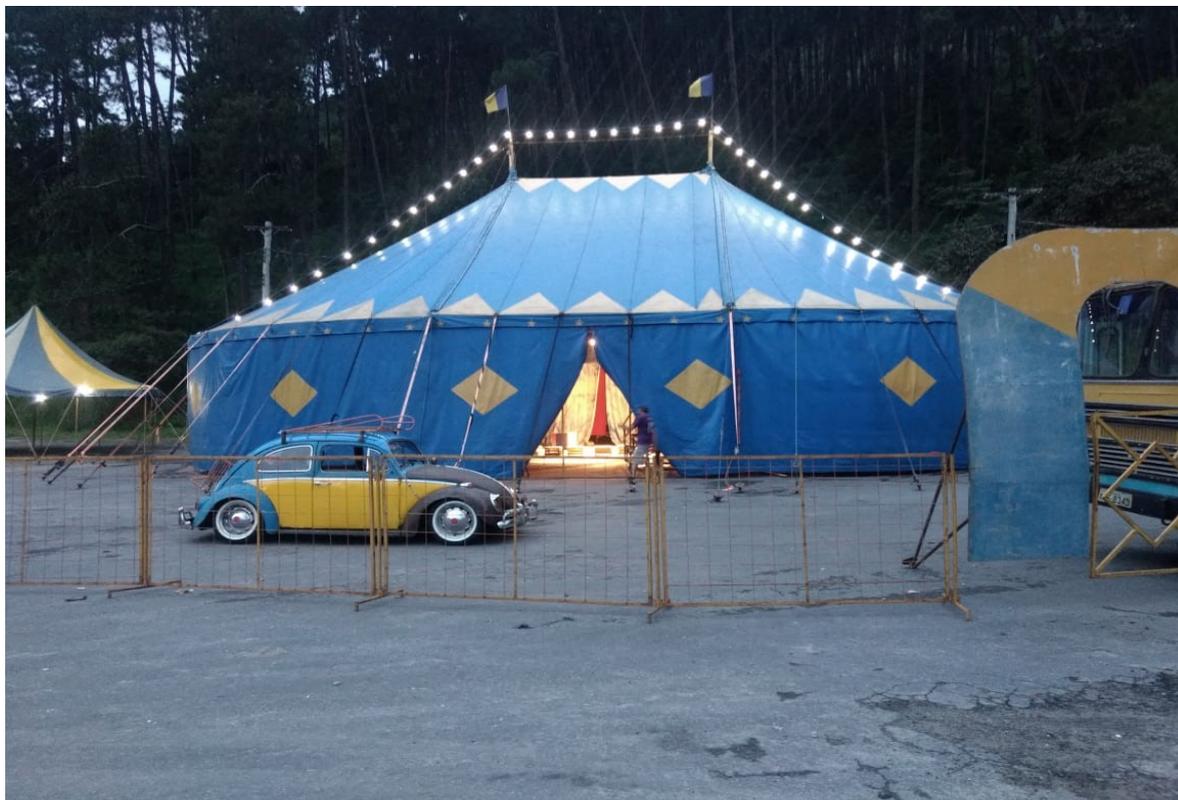
Realizei uma revisão de literatura com base em livros, artigos, teses e dissertações que falem dos temas discutidos nesta pesquisa, assim como em dados *on line* nas plataformas de artigos científicos como periódicos Capes, Scielo e Google Acadêmico. Para esta pesquisa, na internet, a busca foi feita por meio de palavras-chave simples e ou combinadas, relacionadas ao circo, ao contexto escolar e à ludicidade, assim como por meio de referências trazidas por professores e amigos estudantes do tema. Nesta busca, não estabeleci limites relacionados à data de publicação, mas busquei estar mais atenta às publicações mais recentes, tendo como limite o ano de 2022, quando acontece este mestrado.

Para a realização desse estudo de campo, realizei o contato presencial com a escola. Após aceite, por meio da carta de autorização (ANEXO 1), foi feita uma descrição detalhada dos instrumentos utilizados para a coleta de dados; registro fotográfico dos espaços e materiais utilizados, assim como das aulas, sem identificação dos alunos; análise de cronograma e plano de aulas e relatórios anuais. A utilização de um diário de campo se fará necessária para registro das aulas, assim como, posteriormente, será feito um planejamento e estabelecimento de critérios para a quantidade de aulas a serem observadas.

Para a análise de dados, realizei a interlocução entre o texto elaborado a partir da bibliografia estudada e as anotações realizadas nos diários de campo, sendo feita uma identificação dos e correlação entre os conteúdos textuais, encontrados na revisão bibliográfica, e os temas desenvolvidos e observados na pesquisa de campo.

3 - NO PICADEIRO CENTRAL, O CIRCO

Imagem 10 – Lona de Circo do filme Poropopó¹¹



Fonte: foto de Guga Millet (2018)

Mesmo por meio dos olhos de uma criança, percebemos que o circo reúne uma infinidade de significados e interpretações, mas uma coisa é certa: de uma forma ou de outra, se encontra presente no imaginário das pessoas (ONTAÑÓN, 2016, p.26).

Circo: uma palavra pequena com um significado enorme. *“Uma arte viva, dinâmica e que possibilita a coexistência dos vários formatos”* (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016, p.2). Visitando e revisitando diferentes lugares, uma arte que engloba diversas técnicas e possibilidades, que encanta, suspende, contagia! Uma arte que em séculos de existência sofreu diversas modificações, e *“procura incessantemente somar novas linguagens e diferentes elementos*

¹¹ Filme não verbal sobre uma família de palhaços que sai do circo para tentar viver “normalmente” na cidade, mas não perde suas características, figurinos e nem a maquiagem. Neste filme, faço uma das protagonistas. Trailer em: <https://www.youtube.com/watch?v=gcJYE8CZ-dI>

culturais” (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016 p.136), mas sem esquecer suas origens, pois agrega elementos e se reinventa a cada dia.

Em consonância às colocações de Silva (2003, p.2), entendemos que os circenses:

Ao mesmo tempo que mantiveram uma especificidade, renovaram, criaram, adaptaram, incorporaram e copiaram experiências vividas no período, enfrentando novos desafios e obstáculos decorrentes das continuidades e mudanças encontradas na sociedade, nas produções culturais e em si mesmo.

Um espetáculo de magia única, que, com seu encantamento e beleza, suspensão e risadas, abarca pessoas de faixa etárias e condições sociais diferentes. Como citado por Ilkiu (2011), o espetáculo além de encantar por suas características peculiares, tem uma linguagem popular e acessível que possibilita atingir as mais diversas plateias.

O circo parece ser a arte do extraordinário, do inesperado que sempre surpreende, o lugar em que o artista sempre se coloca à prova, enfrenta riscos apenas pelo prazer de tentar, a cada vez, surpreender um pouco mais e, assim, encantar o público que foi ali o assistir a realizar suas proezas (CASTRO, 2010).

Quando não se pode também deixar de citar que *“o circo possui uma idiossincrasia que o caracteriza, um espetáculo vivo que há séculos passou por bairros, vilarejos ou cidades, visitando quase todos os países e todos os continentes”* (ONTAÑÓN, 2016, p.26). O circo abarcou, com suas peculiaridades, uma diversidade de pessoas com diferentes gostos, estilos de vida e que nem por isso deixaram de dialogar para assistir e vislumbrar esta arte.

Entretanto, cabe diferenciar circo e arte circense como manifestação humana de diferentes práticas corporais, como o funambulismo, os malabarismos, o contorcionismo, entre outras. Assim, alguns estudos apontam que tais práticas podem ter surgido há mais de oito mil anos, tendo sua relação com a caça de touros. Tais dados estão embasados em achados arqueológicos de uma antiga cidade da Turquia, época na qual eram dominados e feitos saltos sobre estes animais. Ainda de acordo com Castro (2010), podemos encontrar nas pirâmides do Egito, que remontam há três mil anos, pinturas de malabaristas, contorcionistas e equilibristas. Há registros de atividades similares na China, com pinturas de quase cinco mil anos, nas quais podemos supor e presumir que as

acrobacias e os truques sobre os cavalos eram treinamentos para guerreiros, que deveriam ter flexibilidade, além de força e agilidade. Contudo, o que se pode observar, é que independentemente de onde e quando tenha surgido, todos os relatos apontam para uma diversificada forma de se relacionar com o corpo e os objetos, com diferentes objetivos. Sendo assim, as apresentações seguem ocorrendo em ruas, feiras e praças, a céu aberto, com artistas apresentando pequenos números de maneira individual.

Contudo, o circo moderno, da forma como o conhecemos hoje, ganhou formato e características próprias no século XVIII (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016), sendo possível, desde a sua origem, acompanhar diversas mudanças tanto em seu formato e estrutura de apresentações quanto pelos indivíduos interessados em aprender e praticar as habilidades circenses. Neste momento, *“os grupos de artistas, em geral formados por famílias, reconheceram-se como categoria de artistas circenses, os modos de produção do trabalho e de produção do espetáculo”* (IDEM, p. 09).

O circo sempre incorporou em sua arte, outras artes, como a música e o teatro, e, essas mudanças, que sempre foram ocorrendo, fazem com que o circo seja uma arte transversal em constante movimento, sempre inovadora e contemporânea.

Por volta de 1770, um ex sargento inglês, Philip Astley, faz sucesso ao montar uma casa de espetáculos com um picadeiro, em que apresentava pantomimas, adestramento de cavalos, acrobacias equestres, saltadores, malabaristas e equilibristas, já sendo um verdadeiro show. Anos mais tarde, a palavra circo é usada pela primeira vez, sendo este um espaço onde tudo pode acontecer, um local para surpreender, emocionar e impactar o público (CASTRO, 2010).

Utiliza-se, além de acrobacias, música, teatro, dança, cenários e figurinos para encantar e deslumbrar o público. No decorrer dos anos e conforme sua história foi sendo escrita, construída, o circo aparece como uma manifestação cultural de importância por meio de seu objetivo de encantar, surpreender, entreter e divertir as mais diferentes plateias (IDEM). A partir de então, o formato ganhou novos adeptos e incrementos, e a lona, que existia apenas como um toldo

para se proteger da chuva, ganhou modelagens até chegar ao que conhecemos hoje.

Ao longo do tempo a arte circense tem se mostrado polifônica e polissêmica, abrindo espaços para múltiplas vozes por meio de diferentes sujeitos históricos que fazem a linguagem acontecer. Do mesmo modo, congrega significados em função do contexto social na qual está inserida (SILVA, 2011). Porém, era uma arte que estava até pouco tempo restrita à prática somente pelo grupo social circense. Assim, o aprendizado por pessoas que não nasceram sob a lona tem uma história muito recente, tendo começado através de cursos livres, como relata a mesma autora. Neste começo, era muito comum a procura por profissionais do teatro, com o intuito de adquirir habilidades para incluir na cena teatral.

Quando mais e mais pessoas tem a oportunidade não somente de apreciar, mas de fazer circo em inúmeros espaços da cidade (BORTOLETO; SILVA, 2017), ele mais uma vez se transforma. A oportunidade de diferentes pessoas, com diferentes histórias fora da lona, passarem a também aprender e fazer parte do universo circense, abre novas possibilidades para a sua recriação. *“A partir das décadas de 1950 e 1960, a produção da linguagem circense passou por profundas transformações em seu modo de organização do trabalho e em seu processo de aprendizagem”* (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016, p.9).

É relativamente recente, mas há pelo menos 50 anos, o circo começou a ganhar novos adeptos e praticantes, num processo rico de democratização de saberes, tendo começado através de cursos livres e da criação das escolas de circo. No Brasil, isso ocorreu a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, sendo a Academia Piolin de Artes Circenses a pioneira, fundada em São Paulo em 1978, porém em 1983 já havia encerrado suas atividades. (KRONBAUER; NASCIMENTO, 2017).

Em 1982, no Rio de Janeiro, é então criada e até hoje mantida pelo Governo Federal, a Escola Nacional de Circo (ENC), hoje denominada Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha (ENCLO), em homenagem ao seu fundador. Nesta mesma época, surgem ainda o Circo Escola Picadeiro, em São Paulo, no ano de 1984, além da Escola Picolino de Circo em Salvador, no ano de 1985 (KRONBAUER; NASCIMENTO, 2017).

Geralmente passado de geração em geração, dentro de uma mesma família ou para aqueles que fossem acolhidos pelo circo.

A construção da identidade de um artista circense estava fundamentada basicamente na forma coletiva familiar de transmissão dos saberes e práticas, por meio da memória e do trabalho, e na crença e aposta de que era necessário que a geração seguinte fosse portadora de futuro, ou seja, depositária dos saberes circenses (BORTOLETO; ONTANÓN; SILVA, 2016,p.9).

Hoje esta arte já não é mais exclusivamente ensinada desta forma, surgindo espaços e locais para a prática circense. A partir do final da década de 1970, artistas de diversas áreas começam a buscar de maneira mais expressiva as atividades circenses como recurso de trabalho e desenvolvimento corporal, e assim tal arte aparece mais uma vez, com novas possibilidades, não só do fazer, mas também em seu aprendizado, com novas formas e possibilidades de formação.

Tendo ocupado somente nas últimas décadas outros espaços, o circo demonstra que pode contribuir com outros objetivos, assim como o educativo no contexto escolar (CASTRO, 2005).

Podemos encontrar o ensino do circo em diferentes cenários. Profissionais com formações distintas e até mesmo com objetivos e enfoques no ensino-aprendizado, também diversificados, onde a prática circense é ensinada. Neste cenário, identificamos o surgimento de escolas profissionalizantes de circo no final da década de 1970, como citam Bortoleto e Duprat (2007, p.174), que são *“uma tendência que se espalha por todo o mundo e que em poucas décadas gera uma nova geração de artistas, com ou sem antecedentes familiares, mas com grande valor artístico.”* Isso ocorre mais facilmente em espaços artísticos, locais destinados para a aprendizagem circense, dentro de espaços adaptados, já que eram lugares divididos com outras artes, em locais sazonais, onde são ministradas apenas oficinas temporárias e escolas onde o circo é oferecido como atividade extracurricular, no contraturno. Diversos locais e com diferentes objetivos de ensino-aprendizado passam *“desde a formação social, até o lazer e o condicionamento físico”* (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011, p. 12)

Hoje há uma diversidade de escolas de circo espalhadas pelo Brasil, sendo estabelecimentos ou iniciativas que ministram alguma técnica circense regularmente. Dentre elas podemos encontrar locais e metodologias distintas por todas as regiões brasileiras (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016).

Há também espaços em que o foco do ensino é a técnica e a formação circense para os artistas; projetos de circo social, onde além deste objetivo, podemos citar o desenvolvimento sociocultural dos jovens que lá frequentam; escolas de circo onde a busca pela atividade se dá para um trabalho corporal, diferencial para aumento da flexibilidade e/ou força, o chamado “circo *fit*”; em escolas de artes visando ao trabalho do corpo como uma forma de expressão; entre outras.

A prática do circo vem crescendo cada vez mais e ganhando novos espaços, inclusive no contexto escolar, pela poética, pela magia que a estética dos espetáculos produz, ou até mesmo pela diversidade de possibilidade corporais a serem trabalhadas nas aulas de Educação Física.

Para Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011) esta inserção nas escolas traz o reconhecimento do circo como parte do patrimônio cultural, sendo uma das justificativas para o pertencimento da arte circense como conhecimento a ser tratado na escola. *“É uma arte que sobrevive da sua reinvenção, em constante atualização, mas se de algo estamos certos, é que o circo tem muito para ensinar e o seu potencial educativo não pode passar despercebido”* (ONTANON, 2016, p.63). Embora essa arte seja destacada pela autora quanto ao seu potencial educativo, e já tendo chegado nas escolas regulares, infelizmente são poucas as que tematizam este conhecimento e inserem na matriz curricular, ficando muitas vezes restritas a projetos ou atividades de curta duração.

Tradicionalmente nas famílias de lona, crianças pequenas já começam a aprender as técnicas e habilidades circenses, porém ensinar esta arte para crianças que, por vezes nunca foram ao circo, ou sequer tem noção do contexto cênico, acaba por ser uma tarefa árdua. É nesse lugar que, antes de ensinar a técnica, faz-se necessário trazer os aspectos históricos, a contextualização dos saberes, de conteúdos artísticos inerentes; mostrar possibilidades e trazer o encantamento do circo. E para isso, nada melhor do que fazer através da brincadeira.

Com isso, este trabalho analisa o ensino-aprendizagem das atividades circenses no contexto escolar, em especial as estratégias de ensino utilizadas pelas docentes, bem como se a ludicidade e o brincar integram as propostas de ensino do circo para crianças do Ensino Fundamental I.

Leva-se em consideração o papel do imaginário na prática pedagógica com as crianças e que a aprendizagem acontece melhor quando o educando se apropria, redescobre e reinventa (FREIRE, 1996), assim como a criança faz por meio da brincadeira, relacionando o conhecimento com suas vivências.

O que motivou o encaminhamento da presente pesquisa foram as possibilidades vivenciadas como docente para a tematização dessa linguagem de forma sistemática na escola, com possibilidades de desenvolvimento da técnica, porém com a ludicidade e o brincar permeando o processo.

O ensino do circo nas escolas básicas já não é novidade, e há algum tempo, vem sendo desenvolvido e estudado por meio de diferentes pesquisas nas últimas décadas (ONTAÑÓN; BORTOLETO, 2014; BORTOLETO; DUPRAT, TUCUNDUVA, 2016; DUPRAT, 2007; LEITE, 2020; CARDANI, 2016; ONTAÑÓN, 2012; TAKAMORI; BORTOLETO; LIPORONI; DI CAVALLOTTI, 2010; SILVA, 2016; BORTOLETO; SILVA, 2017; CARDANI; ONTAÑÓN; RODRIGUES; BORTOLETO, 2017; SCHLICHTING; MARTINS; 2022), entre outros.

No entanto, ao se pesquisar sobre o tema, em grande parte dos casos, o circo é quase sempre relatado como projeto, conteúdo ou ferramenta de ensino, seja no campo da arte ou, em muitos casos, nas aulas de Educação Física. Assim, fica evidente um certo discurso que valoriza a arte circense trazida à escola como uma “novidade”, um elemento motivacional para se trabalhar habilidades motoras, capacidades físicas.

Outros aspectos também são mencionados, por exemplo, desenvolvimento do trabalho em equipe, desinibição, criatividade, entre outras, habilidades facilmente trabalhadas por meio de tantas outras práticas corporais, como os jogos ou o esporte, por exemplo.

Neste trabalho, a arte circense aparece não apenas em datas comemorativas do calendário escolar - projetos isolados, por um curto período -

mas durante todo o ano letivo, indicando que, pela continuidade e por se tratar de crianças, a ludicidade tem um papel fundamental (DIAS, 2021; KISHIMOTO et al, 2019; PEREIRA, 2021; SILVA, 2021; RAMOS; SQUIPANO, 2013).

É necessário rever as estratégias metodológicas e deixar que, através do brincar, cada uma a seu tempo, as crianças vivenciem as diferentes modalidades circenses, sejam acrobacias, manipulação de objetos, equilíbrios ou palhaçaria, pensando em novas habilidades através de movimentos mais difíceis e ou na execução mais elaborada de um movimento mais simples.

Ademais, as experiências que venho realizando há seis anos como professora em uma escola da rede particular do Rio de Janeiro/RJ, têm fomentado o interesse em aprofundar as reflexões sobre o ensino do circo e a forma com a qual esta arte *“que procura incessantemente somar novas linguagens e diferentes elementos culturais, permeando nossa sociedade com simbolismos que certamente podem contribuir com o processo educativo na escola”* (ONTAÑÓN, 2016, p.26).

No início da minha trajetória docente com o circo, apenas reproduzia a metodologia que havia aprendido na minha experiência como aluna da ENCLC. Com o decorrer das aulas, pude perceber que o ensino da arte circense para crianças era muito mais do que somente praticar técnicas e posturas.

Ao pensar na forma como havia ensinado a arte circense aos meus filhos, os quais aprenderam-na desde pequenos, e associar aos conhecimentos construídos no curso de licenciatura em Educação Física que eu havia feito anos antes, comecei a caminhar em sentido ao local que, creio eu, seja o mais adequado para o ensino desta arte de forma prazerosa para as crianças, por meio da ludicidade. Então percebi a necessidade de estudar e entender a dinâmica de ensino a qual venho praticando.

Com o objetivo de criar relações com outras linguagens artísticas já abordadas no âmbito escolar, foi iniciado um processo para pesquisar e desenvolver metodologias mais coerentes ao ensino da arte circense para crianças do Fundamental I.

4 – NO TRAPÉZIO DE VOOS - O CIRCO NA ESCOLA E OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Imagem 11 – Trapézio de voos



Fonte: Arquivo Nara Sales (2022)

Há escolas que são gaiolas e escolas que são asas. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôos. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado, só pode ser encorajado.

Rubem Alves

4.1 - Concepções de escola

A escola é uma instituição de ensino destinada ao coletivo, podendo ser pública ou privada. Nas sociedades letradas (em que a escrita aparece como um meio de comunicação) como a nossa, ocupa um lugar por excelência para que se cumpram as funções da educação e da aprendizagem dos conhecimentos, das artes, das ciências e das tecnologias (MARQUES; CASTANHO, 2006).

Contudo, a escola também é um espaço de troca de saberes, experiências, relações e aprendizados. Independentemente do tipo de escola, pública ou

privada, meio período, integral ou interna, é um cenário onde a socialização e o conhecimento devem ser centrais. Desse modo, podemos falar em disciplinas específicas da área científica como matemática, que está na matriz curricular de todas as escolas, em todos os lugares do mundo. Mas também em conhecimentos éticos, muitas vezes implícitos nos conteúdos de uma ou mais disciplinas, como aprender a se relacionar com os amigos, professores e demais funcionários, ações como aprender a esperar a vez para falar, entre outros exemplos que ajudam na construção de comportamentos, normas e atitudes.

Além dos conhecimentos tidos por meio de disciplinas específicas, “a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2005, p. 14), pois nela também se aprende sobre os conceitos historicamente acumulados. Assim, todos os agentes formadores da escola (professores, inspetores, orientadores, etc.) exercem papel importante na construção destes saberes e a troca diária é fundamental para uma experiência em sociedade.

Citando Paulo Freire (1996, p.12), *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”*, lembramos que a escola é um lugar de compartilhamento de experiências, de conhecimentos e não somente um lugar em que se “deposita” no aluno o conhecimento. Ou ainda se faz a transferência de saberes e o aluno acaba sendo um mero espectador. É um local em que a palavra “trocas” deve orientar toda a organização do processo, no qual potencialmente saberes, conteúdos, experiências e vivências devem ser socializados entre professores, alunos e funcionários. Cada relação estabelece um potencial de aprendizado, seja ele um conteúdo disciplinar, uma nova linguagem corporal ou até mesmo um saber popular referente à cultura da sua região.

No que diz respeito à educação no Brasil, existem leis, diretrizes e parâmetros que as escolas devem seguir e considerar. A Constituição Brasileira promulgada em 1988, em seu artigo 205, assegura o direito à educação, sendo um dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, em que se visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1998).

Em 1994, o Plano Nacional de Educação (PNE, Lei no 13.005/2014) foi criado com o objetivo de determinar diretrizes, criar metas e estratégias para a política educacional que sejam cumpridas integralmente, dentro dos seus percentuais de interesse, até 2024. O documento traz como metas fomentar a qualidade da Educação Básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem, de modo a elevar o nível de escolaridade da população; melhorar a qualidade do ensino e reduzir as desigualdades sociais e regionais (BRASIL, 2014).

Desde 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n. 9.394/1996 (BRASIL,1996) afirma que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Além destas, encontramos também um documento normativo que surge como referência e parâmetro atual para as escolas de todo o território nacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Criado em 2017, este documento passa a ser a referência para a formulação das propostas pedagógicas das instituições escolares, contribuindo para o alinhamento dos conteúdos educacionais e o pleno desenvolvimento da educação (BRASIL, 2017).

A BNCC tem um papel muito importante para assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os alunos, visando à formação humana integral e à *“construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”* (BRASIL, 2017).

A Constituição *“estabelece a relação entre o que é básico-comum e o que é diverso em matéria curricular: as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos”* (BRASIL, 2017). Nesse sentido, tem-se por ideal a finalidade de *“superar as fragmentações das políticas educacionais”*.

A escola de hoje, nas palavras de Viegas (2018), apud Tagliaferro (2020) não é a mesma que encontrávamos há alguns anos, pois os alunos são diferentes, acompanhando as mudanças da sociedade. Sendo assim, metodologias antigas se encontram ultrapassadas, assim como ferramentas pedagógicas também mais antigas.

A escola de hoje precisa estar atenta às dinâmicas sociais e desafios do atual momento histórico em que vivemos, assim como as formas mais velozes pelas quais os alunos têm acesso as informações. Precisa acompanhar as transformações da sociedade, as relações que nela se estabelecem, assim como a forma - fora da escola - a educação e as interações acontecem.

Nesta perspectiva, a escola não deveria mais se alinhar a padrões anacrônicos, nos quais o professor era o detentor do conhecimento e o aluno aquela pessoa “sem luz”. Professores e estudantes precisam caminhar juntos na construção dos saberes. Podemos dizer que a educação é uma ação compartilhada e, segundo Paulo Freire (1996, p.12): *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”*

Assim, como já apontava Saviani (1991), a escola não é mais o único contexto que educa, pois este conhecimento é adquirido de diversas formas, para além das salas de aula, incluindo nas relações informais, na internet, no contexto de trabalho, entre outros. Este panorama traz um paradoxo ao pensarmos no ponto de vista escolar, pois, através de jornais, revistas e televisão, é também possível adquirir informação; e, mais recentemente, principalmente por meio da internet e seus vastos meios de informação e mídias digitais. A respeito deste novo aspecto, entretanto, precisamos também estar atentos à diferenciação de informação e conhecimento.

Ao analisarmos, na BNCC, o que diz respeito a abrangência do componente curricular Educação Física, podemos encontrar diversas possibilidades nas quais o circo também pode ser abordado, assim como quando se fala em cultura corporal e, mais especificamente, na unidade temática Ginástica. Especificamente no caso da Ginástica Geral, hoje chamada de Ginástica Para Todos (GPT), podemos claramente encontrar palavras como “acrobáticas”, “trapézio”, “parada de mão”, “malabarismo”, entre outras, que também se referem ao contexto circense. Em sua descrição:

A ginástica geral, também conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Podem ser constituídas de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (trapézio, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e combinam um conjunto bem

variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, pirâmides humanas etc. Integram também essa prática os denominados jogos de malabar ou malabarismo. (BRASIL, 2017, p. 219).

A partir dessa nova configuração de escola, na qual a busca por novos conteúdos se torna cada vez mais árdua, que encontramos espaço para a inserção do circo, uma atividade com aspectos corporais e artísticos que pode ser trabalhada tanto nas aulas de Educação Física, desenvolvendo habilidades motoras, de equilíbrio, força, alongamento, dentre outras; nas aulas de arte, buscando um contexto mais focado na desinibição, no trabalho da criatividade e na desenvoltura socioemocional, por exemplo, e nas aulas onde o circo é tratado como uma disciplina, trabalhando de maneira integrada todas as características dessa arte, buscando o desenvolvimento integral.

Ao falarmos de circo na escola, devemos também estar atentos às diretrizes e bases do ensino, assim como planejar e adequar o projeto pedagógico da escola a esse novo conteúdo curricular.

Segundo a BNCC, o circo se enquadra explicitamente no conteúdo de Arte, quando diz que: “o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance.” (BRASIL, 2017, p. 198)

Sendo assim, mesmo que não especificamente como um conteúdo, o circo tem aparecido nas escolas, tanto nas aulas de Artes como nas aulas de Educação Física, sendo uma possibilidade dentro das disciplinas, a qual tem um enorme potencial “referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas” (BRASIL, 2017, p. 195) e “assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos” (BRASIL, 2017, p. 215).

4.2 - Panorama atual do circo nas escolas básicas

O ensino do circo fora do contexto familiar e da lona, no Brasil, começa a aparecer a partir das décadas finais do século XX (BORTOLETO; ONTAÑÓN;

SILVA, 2016). Por meio de cursos livres, geralmente atores, que buscavam novas possibilidades para a cena. Surgem então escolas de circo, que oferecem esta linguagem a diferentes públicos e que veem no circo uma possibilidade para o desenvolvimento integral.

Desde então, o circo vem ganhando novos adeptos, cada qual com o seu objetivo; seja para lazer, uma nova habilidade artística, buscando a desinibição ou visando o ganho de força, flexibilidade ou tônus muscular. Surgem novas possibilidades para além das famílias, porém sem eliminá-las (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016), com diferentes perspectivas de ensino e aprendizado da técnica, com novos olhares e objetivos, mas sem deixar de se fazer da maneira que já era conhecida e reproduzida por séculos dentro das famílias circenses.

No Brasil, as primeiras escolas de ensino e formação circense por artistas, não natos de famílias circenses de lona, se deu por professores oriundos dessas famílias ditas como tradicionais da lona (BORTOLETO; ONTAÑÓN; SILVA, 2016)

As artes circenses passam a ser conhecidas fora das famílias circenses e fora dos grupos que se aproximavam para exercer tal arte, passando a serem aprendidas e ensinadas em diversos locais e por um maior número de interessados nas possibilidades que o circo pode proporcionar. (BORTOLETO, 2007).

Mas não podemos deixar de mencionar, que, nesse novo contexto de aprendizado do circo, os primeiros professores, oriundos das chamadas “famílias tradicionais”, precisaram descobrir um novo formato para o processo de ensino-aprendizagem das técnicas circenses, diferentes por vezes, daqueles realizados dentro da família (BORTOLETO; SILVA, 2017).

Segundo Duprat (2014), o circo vem ocupando, paulatina e crescentemente nas últimas três décadas, uma considerável variedade de contextos, sejam em espaços alternativos e possibilidades com um diferencial de intenções e objetivos. Estes locais são ocupados por artistas de diferentes áreas em busca de uma maior capacitação artística e/ou como possibilidade de uma educação corporal (SOARES; MADUREIRA, 2005), vendo no circo uma possibilidade de criação de movimentos, personagens, ou mesmo ampliando seu

repertório expressivo.

Bortoleto et al (2011), destacam a oportunidade de vivências e experiências de novas formas de expressão/comunicação na busca por inovações, nas quais o corpo é trabalhado com um diferencial. Leva-se, com isso, a um desenvolvimento também da maneira como o corpo terá possibilidades de traduzir, através de movimentos, sentimentos e palavras.

Assim como a possibilidade de explorar habilidades coordenativas, de consciência corporal, socialização e competências comunicativas e expressivas (DUPRAT; PÉREZ GALLARDO, 2010), o praticante de circo integra com as técnicas desenvolvidas a possibilidade de potencializar a criatividade e a autonomia do próprio corpo (BORTOLETO; MACHADO, 2003).

Podemos encontrar o ensino do circo também em instituições de ensino regulares, sejam em aulas de educação física, em que geralmente ficam responsáveis pelo espaço de 'vivência', tendo como objetivo central colocar os alunos em contato com a cultura corporal (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011), do circo. Lugar onde as acrobacias de solo, que se assemelham muito aos exercícios ginásticos (DUPRAT, 2007) ganham espaço com grande facilidade (CARDANI, 2016; ONTAÑÓN, 2012; TIAEN, 2013). Tais aulas geralmente acontecem sob a forma de módulos, em que, em determinada(s) aula(s), traz-se a temática do circo e abordam-se algumas modalidades para o desenvolvimento do conteúdo.

As modalidades circenses que não necessitem de muito material e nem de um espaço apropriado, como o ensino de malabares ou algum tipo de equilíbrio além das acrobacias, são as mais desenvolvidas no contexto escolar.

Porém, não se pode restringir o ensino do circo apenas às aulas de Educação Física, e nem às atividades que não necessitam de material, ou às acrobacias que geralmente se encaixam melhor no contexto escolar (DUPRAT, 2007) encontramos também o ensino do circo sob a perspectiva de conteúdo da disciplina de Arte. Nessas aulas, geralmente se incluem trabalhos manuais com construção de materiais, desenhos ou trabalho com o palhaço.

É também interessante observarmos que o aumento da prática e vivência do circo por não artistas se deve principalmente e proporcionalmente ao aumento

do número do corpo docente que tem estudado sobre o tema e trabalhado com ele em suas aulas (BORTOLETO; DUPRAT; TUCUNDUVA, 2016), em consonância ao trabalho de Ontañón e Bortoleto (2014), que indicam o professor como figura principal no processo de incorporação do ensino do circo nas escolas.

Mas não só na forma de módulo ou conteúdo de uma aula temática que encontramos o circo nas escolas regulares. Atualmente temos uma diversidade de material bibliográfico, dentre livros e artigos que nos mostram o desenvolvimento dessa arte no contexto escolar.

Apesar de nem sempre ser simples a implementação das atividades circenses na escola, por suas singularidades e especificidades, além do curto tempo de duração das aulas, espaços nem sempre adequados, falta de material, número elevado de alunos por turma, há também os diferentes interesses entre os discentes (LEITE, 2020).

Entretanto, cada vez mais diferentes profissionais encontram neste local uma oportunidade com crescentes possibilidades. É também crescente o número de professores de diferentes áreas, como Educação Física e Arte, que buscam especialização nessa área para incrementarem suas aulas. Podemos encontrar inúmeros trabalhos acadêmicos relatando e descrevendo experiências em escolas e universidades.

O recente trabalho de Cardani (2018) traz as experiências de duas escolas básicas, uma em Atibaia/SP e outra em Belo Horizonte/MG. Na primeira, as atividades circenses são trazidas ao contexto escolar apenas como uma etapa do desenvolvimento temático das aulas de educação física. A professora, em um primeiro momento, contextualiza a temática da aula através de vídeos e explicações teóricas e, num segundo momento, leva seus alunos a praticarem e experimentarem, em uma única aula (dois tempos de 45 minutos), acrobacias, equilíbrios e malabarismo.

Na segunda escola, situada na realidade mineira, a autora observou o desenvolvimento das atividades circenses como disciplina. Os estudantes têm a possibilidade de escolha para praticarem tal atividade constando das aulas de educação artística durante todo o ano. Nesta escola, além de um trabalho

contínuo, os alunos dispõem de espaço e material adequado e farto para o desenvolvimento da prática circense.

No final de sua pesquisa, a autora concluiu que *“em cada uma delas o processo de introdução dessa prática vem acontecendo de uma maneira diferente e com pesos diferentes”* (CARDANI, 2018, p.90), devido à formação diferente entre os dois professores e ao contexto em que cada escola aborda tal temática; o que podemos também constatar quando comparamos outros estudos sobre a presença do circo nas escolas.

Como exemplo, trazemos aqui uma tabela apontando alguns trabalhos que relatam escolas onde já é possível encontrar a arte circense sendo desenvolvida. Em quase todas, sempre partindo de uma motivação pessoal do professor, o qual, em razão de alguma experiência pessoal, teve interesse em levar o conhecimento adquirido também para os alunos da escola em que ministra suas aulas.

Quadro 1 – Exemplos de bibliografias e locais de circo na escola

Local	Referência
Atibaia-SP	CARDANI, L. T. Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola – Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2018.
Belo Horizonte - MG	CARDANI, L. T. Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola – Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2018.
Formosa - GO	RAMOS, B.A.; SILVA, A.H. As artes circenses na Educação Física escolar enquanto conteúdo da cultura corporal: suas contribuições para desenvolvimento da expressão corporal e criatividade - Polyphonia , v. 29/2,

	<p>jul./dez. 2018 - https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18075/5/Artigo%20-%20Bruno%20Amaral%20Ramos%20-%202018.pdf</p>
Macau - RN	<p>LEITE, E. A. Lugar de circo é na escola. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.</p>
Mauá -SP	<p>TAKAMORI, F. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LIPORONI, M. O; DI CAVALLOTTI, T. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. Pensar a Prática, v. 13, n. 1, 2010. https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6729</p>
Muzambinho-MG	<p>GARCEZ, G.M.; PEREIRA, M.C.; O circo da escola: uma proposta crítico-superadora. http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7619/4025</p>
Presidente Prudente-SP	<p>VENDRUSCOLO, C. R. P.; O circo na escola. Motriz, Rio Claro, v.15, n.3, p.729-737, jul./set. 2009. https://www.periodicos.rc.biblioteca.une.sp.br/index.php/motriz/article/view/2229/2543</p>
São Paulo - SP	<p>VASQUES, H. C.; OTA, G. S. G.; DE MARCO, A. O circo na educação infantil: vivências e representações artísticas. Motrivivência, v. 31, n.60, 2019.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

No quadro anterior, encontramos alguns exemplos de lugares em que o circo na escola aparece na literatura, mas é possível ainda citar tantas outras cidades e escolas em que as atividades circenses estão inseridas, algumas que

constam em pesquisas acadêmicas, e outras, das quais apenas temos a indicação com relatos informais, não constam, mostrando a enorme diversidade de contextos.

Entretanto, já encontramos em algumas escolas como aula regular, acontecendo para os alunos durante todo o ano letivo. Para exemplificar, temos o colégio Garcia (nome fictício) em Belo Horizonte, que traz o circo como uma opção dentro das aulas de Artes, onde os alunos do quinto ao nono ano podem escolher entre as aulas de circo, artes plásticas ou música (CARDANI, 2018). E o Colégio Pirajá, no Rio de Janeiro, onde os alunos do primeiro aos quintos anos, que frequentam o integral, possuem as aulas de artes circenses duas vezes por semana, com aulas de 45 minutos na grade das aulas, como atividades extracurriculares. Em ambas as escolas deste exemplo, além do circo ser uma disciplina que conta com professores com alguma formação em circo, as escolas contam com um espaço apropriado para as aulas e material para a realização de diversas modalidades da arte circense.

No contexto supracitado, é evidenciado o trabalho seguindo as classificações propostas por Duprat e Bortoleto (2007), de organização em unidades temáticas: Acrobacias (Aéreo, Solo e Trampolinismo), Manipulações de Objetos, Equilíbrios do Corpo (em Movimento, em Superfícies Instáveis) e Encenação (Expressão Corporal e Palhaço). Mas vale fazer aqui a ressalva dos autores, que colocam a importância da vivência e experimentação, enfatizando o trabalho pautado na cultura corporal de movimentos, pois

O interesse pedagógico não está centralizado no domínio técnico dos conteúdos, mas sim no domínio conceitual deles, dentro de um espaço humano de convivência, no qual possam ser vivenciados aqueles valores humanos que aumentem os graus de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo. (DUPRAT; BORTOLETO, 2007, p.176)

Do mesmo modo, podemos afirmar que nas aulas de circo no ensino fundamental, o processo ganha mais importância do que o produto, seja com ganhos nas relações interpessoais ou na própria superação de seus limites. Mas podemos também ressaltar os ganhos corporais com o decorrer das aulas, como aumento de mobilidade, agilidade, força, equilíbrio, entre outros ganhos físicos.

4.3. Estratégias metodológicas de ensino do circo na escola: a ludicidade e o brincar na infância

Antes de falar do ensino, é preciso revisitar o conceito da infância e suas possibilidades, assim como a importância do brincar nesta etapa da vida, para demonstrar que seria inviável pensar numa abordagem na qual o conteúdo está em primeiro lugar e o aluno deve apenas se adequar ao formato escolar, sem ser também o participante ativo na construção do seu próprio conhecimento.

Os estudos em que as ciências sociais e humanas têm como objeto de interesse e pesquisa a criança e a infância ganharam força no século passado, considerando então *“em suas análises as relações entre sociedade, infância e escola, entendendo a criança como sujeito histórico e de direitos”* (NASCIMENTO; BRUNCHER; OLIVEIRA, 2011, p.2). Hoje esse lugar de fala e ação das crianças é de extrema importância na construção do saber e no desenvolvimento global do aluno durante todo o processo escolar, e, em decorrência, ao longo de toda a sua vida.

Já é sabido e compreendido que cada criança é diferente da outra, tendo cada uma a sua forma e o seu tempo de aprendizado, e que devemos respeitar o momento de cada uma, colocando o aluno no centro do ensino, para que assim alcance voos ainda maiores. Não se trata só do tempo em que se encontra seu desenvolvimento, mas levar em consideração que já atua no mundo e interfere nele e em seu aprendizado.

Assim, deve-se levar em consideração toda a “bagagem” trazida pelo aluno. Cada qual passou por diferentes experiências e aprendizados até chegar aquele dia em que a aula está acontecendo, o que também faz uma grande diferença do ponto de partida de cada um, e, assim, a forma como cada um absorverá o processo educacional que está sendo proposto pelo professor. Ademais, não se pode dissociar o amadurecimento emocional de cada indivíduo, devendo ser considerado que cada um percorre sua jornada de maturação com passos diferentes e em momentos cronológicos diferentes. Portanto o respeito à individualidade e ao período da infância também são de extrema importância.

Não se deve também esquecer que a criança é *“um ser que já tem percepções de mundo, desejos, vontades e que já interfere neste mundo”* (SANTOS; LAURO, 2010, p.6) a partir das suas perspectivas advindas das suas

experiências anteriores, e que, a partir delas dar-se-á a construção e o aprendizado do novo, fazendo toda a diferença no aprendizado final.

Quando se observa que cada um começa de um ponto de partida diferente, fica mais fácil e claro perceber que, ao final, cada qual terá construído o seu próprio caminho e chegado a seu próprio objetivo, sendo ele, por muitas vezes, diferente daquele imaginado e almejado pela professora.

Ao procurar o significado de infância, descobri não ser tão fácil, já que o dicionário, Saraiva (2009, p.174) define infância como o “período de crescimento que vai do nascimento ao início da adolescência”, que se dá, na teoria, aos 12 anos de idade, mas que, dependendo da criança e de suas experiências durante a vida e/ou pelas imposições sociais exigidas a ela, esta fase pode ser encurtada ou se prolongar juntamente com o crescimento e não deixar de ser vivenciada através de experiências e brincadeiras que sejam por ela ainda permitidas serem experimentadas.

Sendo relativamente recente a procura pela compreensão e interpretação das representações feitas pelas crianças (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008), por isso é encontrada uma definição tão sucinta no dicionário para um período tão rico e importante no desenvolvimento do ser humano.

Ao analisar a etimologia da palavra, que vem do latim *in-fans*, e significa sem linguagem, deparo com uma definição antiga, quando não se percebia a importância e construção já existentes nessa fase da vida. Relembro que se entendia, segundo Castro (2010), que na infância sabia-se menos, aprendia-se menos e, por isso, era um período em que as crianças poderiam ser “adestradas”. É percebido, assim, que não se pode apenas caracterizar a infância pela idade cronológica.

Fase da vida em que se constrói e reconstrói por meio das brincadeiras, imaginação e realidade, o imaginário e o real caminham lado a lado e por muitas vezes se entrelaçam, ajudando na construção de cada ser. Fase curta, mas de inúmeras transformações, principalmente corporais, e que, dependendo da maneira como forem incorporadas ao dia a dia, serão de enormes aprendizados, diversas vezes ocorrendo dentro da ilusão, da brincadeira, e que serão levados ao longo e por toda a vida.

Neste sentido, não se pode tratar a criança como um adulto em miniatura, pois é um ser que está pulsando novas sensações e conhecimentos. A todo momento, com novas ou mesmo repetidas vivências, a criança aprende e desenvolve seus conhecimentos.

Contudo, a fase da vida infantil reserva algumas peculiaridades no desenvolvimento físico, motor e cognitivo: o modo de construção do conhecimento, de percepção e ação no mundo, que faz da criança um ser humano diferente do adulto, por isso elas devem ser educadas de um modo que respeite suas peculiaridades, através de brincadeiras, faz-de-conta, através do lúdico e de forma prazerosa. (SANTOS; LAURO, 2010, p. 5)

Desde o nascimento inicia-se o aprendizado, mas é nesta fase em que se faz a maior parte das descobertas sobre si, sobre o outro, sobre as coisas materiais e imateriais, sobre as regras e os conceitos. Constroem-se e desconstroem-se medos e desejos por meio de suas experiências cotidianas.

A criança descobre o próprio corpo, as diferenças do corpo do outro, seja um menino ou menina e/ou porque um é mais gordo, outro tem a perna mais comprida, um é mais forte, o outro corre mais veloz. Diferenças estas que por muitas vezes são vivenciadas por meio de brincadeiras, podendo ficar mais evidentes, assim como nas aulas de circo, onde cada corpo terá uma desenvoltura diferente para cada proposta estabelecida para a aula.

Hoje, ao falar sobre infância, é preciso também nos atentarmos e evitarmos qualquer tipo de reducionismo, sejam aqueles em que se abrange a infância apenas relativa a uma faixa etária cronológica ou aqueles em que se usa o termo para se tratar de uma parte social da população.

É preciso ver a criança como um ser completo, onde o foco na infância traga uma interdisciplinaridade nos estudos (BEZERRA et al, 2014).

Por meio dessas experiências, de encontros e desencontros, com o outro e consigo mesmo, que se fará a construção de cada indivíduo. Com práticas vivenciadas ao longo dos anos e com descoberta do novo ou redescobertas em que o aluno se permitir e vier a experimentar, será feita e refeita a composição e recomposição pessoal. A cada nova oportunidade, a cada aula, esse aluno já não será mais o mesmo do primeiro dia, transformando-se e transformando o outro e a aula a cada dia.

Porém, é importante esclarecer que nem todas as infâncias são iguais, assim como a infância que tivemos já foi diferente da infância de nossos antepassados e, neste mesmo momento cronológico, existem diversas infâncias sobre as quais podemos nos ater. Encontramos a infância real, aquela em que precisamos estar atentos às diferentes localizações geográficas, poder aquisitivo, educação, criação, experiências socioemocionais e a infância imaginada, aquela em que, na teoria, tudo é lindo e cronologicamente encaixado, uma vez que não se leva em consideração as diferentes experiências obtidas e vivenciadas pela criança em seus anos de vida.

Para toda e qualquer pessoa, as vivências pessoais obtidas ao longo dos anos, os encontros e desencontros com o outro, as experiências afetivas, corporais e materiais irão trazer consequências e interferências no hoje, assim:

... A criança que teve brinquedos industrializados; a que não teve brinquedos e que por isso teve que usar da criatividade para fazer dos objetos existentes na sua realidade, brinquedos; a infância da criança que foi agredida moralmente, fisicamente, sexualmente etc; a infância da criança que foi amada, respeitada e considerada. Existem e existiram várias infâncias (...) o fato é que a diversidade é condição de existência de todo ser humano, por isso ela sempre está presente, a diferença é o modo como lidamos com o diverso. (SANTOS; LAURO, 2010, p.5)

Apesar de atenta a todas estas diferenças encontradas no período da infância, nesta pesquisa, por estar observando as aulas de circo que acontecem no Colégio Pirajá, irei tratar de crianças em que sua infância têm acesso a brinquedos, a grande maioria também à cultura, ao esporte e à educação desde a primeira infância. Mesmo assim, é preciso observar e sempre lembrar que as experiências continuam sendo diferentes para cada uma. Algumas têm mais acesso à cultura, outras, a práticas e atividades corporais, enquanto algumas têm acesso ilimitado ao uso de eletrônicos, dentre outros aspectos que irão interferir e diferenciar cada criança uma da outra, tornando-as únicas.

O brincar é definido por Saraiva (2009, p.36) como divertir-se, espairecer, distrair-se e relativo às crianças estes conceitos são diretamente associados a elas quando pensamos em suas relações com outras crianças e com o meio em que vivem.

Apesar do brincar não se restringir apenas à infância, é neste período em que é esperado que o indivíduo faça uso desta linguagem para se relacionar com o outro, com o mundo e com ele mesmo. Usar a brincadeira ao mesmo tempo como fuga e abstração da realidade e, através dela, inserir a realidade na brincadeira, para assim, da sua maneira e com a sua compreensão naquele momento, aprender a lidar com a realidade.

Como citado anteriormente, nem todas as crianças terão acesso ao brincar e nem este será exercido da mesma forma por todas, mas continuamos a entender ser essencial na fase da infância o brincar para o indivíduo construir sua personalidade, reconhecer-se e conhecer o mundo que o cerca.

Ao falar de infância, é quase imediato que se refira ao ato de brincar, já que é nesta fase da vida que se faz o uso constante desta linguagem, sendo “por meio desta atividade que elas descobrem o mundo e as pessoas, é assim que elas se comunicam e se inserem em um contexto social” (PRODÓCIMO; NAVARRO, 2008, p.1). Por meio da brincadeira, a criança, além de se divertir e distrair, ela também demonstra suas emoções, desenvolve seus conhecimentos, potencializa suas habilidades, aflora sua criatividade, pois “o ato de brincar pode ser considerado como principal fator de desenvolvimento cognitivo infantil” (SILVA, 2021, p. 646).

A autora também ressalta que o ato de brincar exerce uma forte contribuição para fortalecer potencialidades emocionais, físicas, motoras, intelectuais, morais, psicossociais e motoras da criança, sendo por meio das vivências nas brincadeiras que ela tem a possibilidade de trocar experiências e demonstrar seus anseios e observações sobre o contexto em que está inserida.

Podemos refletir e entender a importância da brincadeira, que pode ser definida como “qualquer atividade vivida no presente de sua realização e desempenhada de modo emocional, sem nenhum propósito que lhe seja exterior” (VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 144).

É válido lembrar como pensávamos e agíamos - como elas fazem agora - e perceber que todo e qualquer estímulo é interessante e pode fazer surgir uma ideia, uma brincadeira, sendo possível entrar em um mundo imaginário e, através

dele, poder criar e desenvolver pensamentos, habilidades e fortalecer a construção de sua personalidade.

Para entendermos a grandeza das experiências vivenciadas por meio do brincar, é preciso refletir que:

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade (VIGOTSKI, 2009, p.17).

Além da brincadeira, reforço aqui a importância de trazer aos estudantes propostas lúdicas pautadas no prazer e divertimento, permeando o processo de ensino-aprendizagem nas aulas circenses. Entende-se, então, o lúdico como um conceito que possuiu muitos significados, estando muito associado às linguagens infantis trazidas a partir de brincadeiras, pinturas, desenhos, jogos, movimentos corporais genuínos desta fase; linguagens estas que são inerentes à infância uma vez que, através delas, a criança pode conhecer a si mesma e se relacionar com quem ela se identifique. Ademais, desenvolvem, por meio destas experiências a imaginação, fantasia, criatividade e sensibilidade (PEREIRA, 202).

A ludicidade tem sua etimologia ligada e construída a partir do latim *ludus*, o qual abrange jogos, competições, brincadeiras; porém “estudos recentes têm demonstrado que o termo lúdico não se identifica literalmente com o termo jogo” (Almeida, 2007, p. 19), sendo “uma atividade dinâmica concretizada pela ação humana, cuja natureza pode ser tanto prazerosa e de satisfação” (Pereira, 2021, p. 167) quanto agradável e divertida.

A ludicidade e a brincadeira caminham juntas como propostas para trazer o prazer e a descontração, porém enquanto a ludicidade na escola geralmente se encontra na forma como se aplica uma atividade para torná-la prazerosa e descontraída. Com a brincadeira ocorre de forma inversa, por meio da descontração e do prazer, far-se-ão associações com o conteúdo.

As atividades lúdicas não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas está inclusa em atividades que propiciam momentos de prazer e descontração, pois tornam-se mais atrativas, o que possibilita no desenvolvimento da criatividade e a capacidade de tomada de decisões, além de auxiliar no desenvolvimento motor do aluno. (LIMA, 2020, p. 41)

Ao trazer propostas de atividades trabalhadas com a ludicidade, a professora pode propiciar aos estudantes momentos de prazer e descontração que facilitam o ensino e o aprendizado, bem como a desenvoltura corporal deles, por meio de mecanismos que facilitam o entendimento através de momentos agradáveis. Como citado por Lima (2020, p.20), “as atividades lúdicas propostas, não podem ser aplicadas aleatoriamente, estas devem seguir um padrão organizado para auxiliar no desenvolvimento infantil.” Sendo assim, Pereira (2021) relata que é preciso critérios que definam e limitem a ludicidade, para que se possa adiante traçar sua historicidade no contexto escolar.

Almeida (2007) propõe um quadro para melhor exemplificar as formas como a ação lúdica pode ser observada e trabalhada, por meio de propostas do professor, para melhor desenvolvimento da mesma, como mostrado na tabela abaixo:

Quadro 2 - Critérios da ação lúdica

Desinteressada	Finalidade na própria ação
Espontânea	Contrária às obrigações e às responsabilidades
Prazerosa	Agradável, percorrendo o campo afetivo
Libertadora	Expressividade do “eu”
Supermotivada	Provoca a superação de limites e satisfação de necessidades
Livre	Ocorre pelas convicções dos/as indivíduos/as participantes

Fonte: Critérios da ação lúdica conforme Almeida (2007)

Assim, é preciso promover atividades em que o discente se envolva, pelas quais esteja interessado e se sinta estimulado a se desafiar e a alcançar - a cada aula - um potencial maior do que o obtido na última. “É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural” (MARCELLINO, 1996, p.38), assim como, dentro da escola, essa ludicidade pode aparecer como uma proposta e uma abordagem eficaz para a construção e desenvolvimento de habilidades circenses.

Com uso do lúdico, através de uma brincadeira, um jogo ou até mesmo reinventando uma proposta já usada de forma tecnicista, podemos despertar a atenção do aluno, dando sentido ao que ele irá vivenciar. Dessa forma, são propiciadas atividades nas quais a imaginação é estimulada, assim como a criatividade, a espontaneidade, formando cidadão mais críticos e participativos com propostas das quais eles se sintam também criadores. “Além disso, brincando a criança mantém contato com outras crianças, se socializa, aprende a respeitar regras, aprende a tomar decisões e a ter espírito de equipe.” (RAMOS; SQUIPANO, 2013, p.6)

Ao entender que a criança têm as suas especificidades, alcanço que cada uma entende, compreende, participa e modifica a atividade proposta segundo o seu olhar individual. Para cada uma existe o seu mundo particular, sendo mais fácil acessá-lo por meio do lúdico, já que nesta fase da vida é por meio destas experiências que ela vai criar amizades, entender as diferenças, aprendendo a se relacionar com o outro e consigo mesma. Assim, é possível perceber também que, através de atividades lúdicas que estimulem o brincar, além dos movimentos corporais, também serão trabalhados os aspectos emocionais.

Por meio de desafios pessoais, desafios coletivos ao se comparar com o outro, trabalho em equipe, frustrar-se ao não conseguir e alegrar-se ao alcançar o objetivo, passando por diferentes fases emocionais no decorrer das aulas, tudo isso é trabalhado sutilmente com a ajuda da descontração. Assim, as atividades lúdicas aparecem como uma boa possibilidade de trabalho para desenvolvimento e aprimoramento das atividades circenses, por trazerem, dessa forma, diversas contribuições para o seu aprendizado, como citado por Abreu *et al* (2011, p.4):

Com as atividades lúdicas, a criança passa a compreender as regras e os comportamentos e experimenta os mais diversos sentimentos: dor, tristeza, alegria, perda, desejo, prazer. Para a criança, a brincadeira é uma atividade completa, pois favorece as descobertas e os desafios necessários para o seu desenvolvimento.

Trazendo a proposta do trabalho com o lúdico, levo em consideração que “as atividades lúdicas têm a capacidade de desenvolver várias habilidades na criança, proporcionando-lhe divertimento, prazer, convívio profícuo, estímulo intelectual, desenvolvimento harmonioso, autocontrole e autorrealização” (MALUF, 2014, p.23). Dessa forma, as crianças aprendem as habilidades e

técnicas circenses de maneira leve e prazerosa, ultrapassando seus limites e dificuldades com vontade de se desafiar e superar. Obtém-se pequenas conquistas a cada atividade de um jeito desprezioso, no qual a alegria, o prazer e a diversão estarão permeando todo o processo.

Ao falar de educação e de processos de ensino e aprendizagem, independentemente do local onde esta prática acontece, seja em escolas regulares, escolas de arte, academias ou clubes, podemos abordar diferentes conceitos, metodologias e aspectos.

Diversos textos sobre o ensino do circo, inclusive os de relatos de experiências no contexto escolar, oferecem dicas sobre atividades e adaptações quanto ao espaço e materiais disponíveis. “Contudo percebemos que a maioria dos textos encontrados centra-se principalmente no ensino da técnica ou no “saber fazer” (ONTANON, 2014, p.97).

Nesta pesquisa, porém, o enfoque está no processo de ensino-aprendizagem, cuja construção e relação ocorre através da ludicidade e do brincar, pela relevância deste processo uma vez que “alguns estudos comprovam que aprender brincando, auxilia 30% a mais na absorção da aprendizagem do que de forma tradicional” (SILVA, 2021, p. 646), e que há significativa importância para o desenvolvimento psicossocial e a construção da independência e autonomia do indivíduo, principalmente por estarmos falando de crianças.

Esse olhar, reflete-se também nas produções artísticas infantis que acabam sendo avaliadas não mais conforme aquilo que as crianças podem e sabem fazer em alguns momentos, mas de acordo com o que é belo e aceitável no “mundo dos adultos” (SARAVALI, 2004, p. 34).

E ao pensar no desenvolvimento da criança, a ludicidade se faz presente através de histórias, brincadeiras, fazendo uso da imaginação e trabalhando também o “não real”. Esse processo torna a aula agradável, para que, assim, sejam aprendidos todos os conteúdos inerentes às aulas de circo, não somente uma estrela de perna estendida e os malabares bem executados; mas também o senso de coletivo, a importância dos saberes mais antigos e o uso da criatividade para a construção do novo.

Os educadores contemporâneos, romperam com as ideologias pedagógicas tradicionais, segundo as quais a criança estava à espera de conhecimento e de conteúdos os quais lhe eram oferecidos e passados, sendo consideradas com a “mente vazia” antes do ensino, trazem.

Segundo Nunes (2013), a revolução deste pensamento com os ideais de Piaget, o qual traz uma nova visão sobre o aprendizado da criança, em que esta se torna agora fazedora também do seu aprendizado, não estando apenas passiva na construção do seu conhecimento. Desta forma, uma educação mais dinâmica e interessante para o aluno se tornou essencial na construção do saber.

Sob esse olhar e segundo a perspectiva de Freud, “toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar um mundo só seu, ou, mais exatamente, por transportar as coisas do mundo e que vive para um universo novo em acordo com as suas convivências” (1973, p. 70).

Para cada criança, a arte circense estará sob uma ótica de interação e desdobramento, sendo diferentes para toda e cada uma, cada qual será afetada pelo circo de modo único, assim seu corpo e suas habilidades natas farão diferença para o desenvolvimento e aprendizagem das técnicas.

Por meio de associações entre as suas experiências anteriores, diretamente ligadas a sua criatividade, dar-se-á a construção de saberes corporais individualizados e que sigam e respeitem o momento e a maturação de cada corpo, cada criança.

Sendo “o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras (...) que constitui sua cultura lúdica” (Kishimoto *et all*, 2019, p. 26), essa cultura será facilitadora no momento de abstração da realidade e desenvolvimento do brincar dentro dos conteúdos e propostas desenvolvidas pelo professor. Desse modo, o aluno não é um mero expectador, recebendo apenas as experiências, ele interage efetivamente, sendo um co-construtor com uma efetiva ação e interpretação das interações (KISHIMOTO *et all*, 2019).

As vivências obtidas pelas crianças com o brincar lhes trará segurança que

através da fuga da realidade, imersos em seus mundos particulares, descubram e construam, junto de seus colegas e professores, suas capacidades e habilidades motoras e socioemocionais.

Com base na teoria de Piaget, a educação deve oferecer à criança a descoberta e a construção do conhecimento através de atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilíbrios sempre respeitando sua maturação. Ele dividiu o desenvolvimento da criança em etapas que devem ser respeitadas para um trabalho mais eficiente do ponto de vista pedagógico. Nesta teoria, o professor assume um papel de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais e faz a mediação da construção do conhecimento (MASTELLA *et al.*, 2015, p. 4).

Como Kishimoto *et al* (2019) citam, diversos autores apontam a brincadeira como o centro da aprendizagem para as crianças e sua importância nesta etapa da vida.

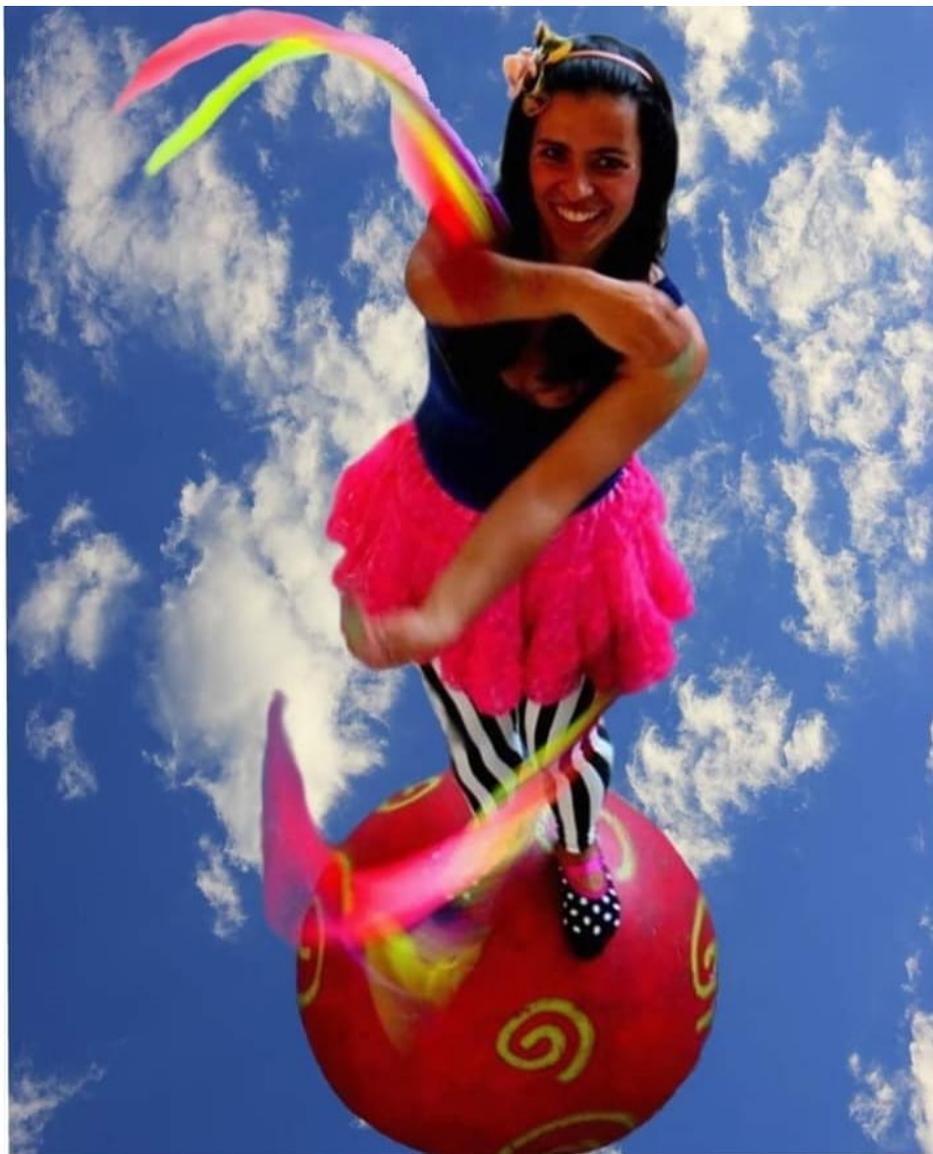
A respeito do aprender brincando, ponto em que se aproxima o ensino-aprendizado do circo, podemos encontrar diversos autores que defendem esta prática, e assim como Montaigne divulga o caráter educativo do jogo, Bortoleto *et al* (2011) também demonstram jogos para o aprendizado circense.

Quando Forbel (1917, p.54-55) cita que “o brincar é a fase mais importante da infância – do desenvolvimento humano neste período”, podemos trazer esta frase para o ensino da arte circense, e vislumbrar diversas possibilidades do brincar no fazer circense dentro das aulas para as crianças.

A partir do próximo capítulo, farei uma relação mais direta entre a escola, a ludicidade e o circo, buscando demonstrar e analisar especificamente o ensino do circo na escola por meio da ludicidade presente na experiência em que desenvolvo em uma escolar privada do Rio de Janeiro.

5. NA BOLA DE EQUILÍBRIO, UMA EXPERIÊNCIA AUTOETNOGRÁFICA SOBRE O CIRCO NA ESCOLA

Imagem 12 – A busca do equilíbrio por meio dos desafios



Fonte: Arquivo pessoal (2013)

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 218)

Ao começar os estudos do mestrado, o projeto circundava os seguintes temas: circo – escola – ludicidade – ensino-aprendizagem – criança – brincadeira. A ideia sempre foi analisar o uso da ludicidade na aprendizagem das crianças e a maneira delas de ver e interagir com o mundo, sendo o lúdico o ponto de partida para o ensino. À vista disso, problematizam-se alguns elementos que realmente fazem algum sentido na aprendizagem e desenvolvimento das técnicas circenses.

Mas a proposta era falar apenas da teoria. Trazer referências e narrativas que, juntas, construíssem um olhar sobre o que se presenciava, vivenciava e percebia nas aulas. Tudo isso pretendia fazer de fora, como no teatro, usando “a 4ª parede”, sem me relacionar com o leitor. Assim, deveria construir um relato demonstrando o papel da ludicidade e do brincar nas aulas de circo na escola, mas sem estar presente. Assim, quem lesse o texto perceberia que eu era parte do processo apenas tendo um olhar mais atento, não tendo a intenção me colocar como referência ou participante desta metodologia.

Tal metodologia foi modificada graças ao olhar atento que as professoras Daniele Pimenta e Teresa Ontañón Barragan, durante minha banca de qualificação, tiveram. Com uma leitura crítica e atenta, juntamente com minha incansável orientadora, sugeriram e me mostraram a possibilidade de uma metodologia de pesquisa autoetnográfica: perspectiva essa, que, confesso, assustou-me em um primeiro momento, pois pareceu-me egóico demais apontar e sugerir caminhos ao ensino do circo na escola, os quais eu mesma pratico e desenvolvo. Todavia, ao buscar estudos autoetnográficos, pude perceber a importância na troca de práticas e experiências, isso porque a grande maioria relatou as perspectivas em seus caminhos, mostrando dificuldades e desafios. Foram textos que, ao ler, identifiquei as relações com meu fazer e minha pesquisa, além disso, ajudaram-me a perceber que relatar a minha prática na escrita poderia também subsidiar, quem sabe, no fazer pedagógico de outros profissionais.

5.1 – Fazendo uma ponte sobre a autoetnografia

Sendo a autoetnografia um método que pode ser desenvolvido na investigação da pesquisa e no modelo de escrita por meio da análise sistêmica da experiência pessoal, para assim compreender tal experiência cultural (Ellis, 2004). Essa abordagem será aqui utilizada para o desenvolvimento desta dissertação. Não só pelo fato de a autora-pesquisadora ser professora e realizadora das práticas que aqui serão citadas, mas também pela importância de uma lembrança vivida ainda na infância, por meio do esporte, de uma rotina árdua de treinamentos que cercearam a ludicidade imagética e corporal de uma criança, uma experiência que, mesmo distante, fez toda a diferença na maneira como a autora lida com a forma de ensinar o circo às crianças, sempre buscando uma interação lúdica e de troca com o mundo infantil.

Porém, neste momento, convém lembrar que previamente já foi feito um levantamento bibliográfico que embasa a busca pela ludicidade e pela brincadeira na aprendizagem infantil, levantamento esse que demonstra a importância e os ganhos relativos ao desenvolvimento com uma abordagem que parte do interesse da criança, levando em consideração sua maturação motora e emocional, indicando que, mesmo no contexto escolar, a ludicidade e aprendizagem podem caminhar lado a lado.

Para começar a falar em autoetnografia, é preciso abordar a necessidade do equilíbrio dos três pilares que Chang (2008) evidencia para este tipo de metodologia: análise, interpretação e reflexão. A análise parte de uma orientação metodológica etnográfica, com relatos das experiências e desenvolvimentos próprios, por meio do que foi experimentado pela própria pesquisadora, mas nesse primeiro momento sem nenhum indício de intervenção relativa a uma interpretação e ou reflexão acerca do vivenciado.

Posteriormente, apresentar-se-á a interpretação, vinda de uma orientação cultural, a partir de memórias, experiências, da relação entre pesquisadora e o objeto de pesquisa, pautando e orientando o rumo de entendimento do estudo, já que a interação de cada pessoa com o mesmo objeto será diferenciada a partir de experiências já vivenciadas.

Por fim, será exposta a reflexão, como orientação do conteúdo, pois caberá à pesquisadora uma avaliação e reavaliação da sua própria contribuição e interferência na pesquisa.

5.2 – Entrando na mala moscovita e conhecendo o campo estudado

Na escola em que atuo e faço referência aqui sobre as aulas de circo ministradas, tenho autonomia e liberdade para explorar e desenvolver minhas atividades. Posso criar, recriar, desenvolver e experimentar metodologias e conceitos.

O circo sendo parte da matriz curricular do período integral, não possui uma configuração pré estabelecida e nem conteúdos a seguir.

No início do ano, revejo o que deu certo, as atividades nas quais obtivemos mais êxito, as que não foram tão bem sucedidas e/ou aceitas. Posso esperar para conhecer as turmas e, a partir delas, montar um plano de ensino e o cronograma de atividades, o que me possibilita trazer um diferencial para cada turma, em cada unidade. Isto posto, posso começar o planejamento a partir do que cada criança-turma traz, tanto corporalmente quanto afetivamente.

A escola fica situada no estado do Rio de Janeiro, na região sudeste brasileira, contando com 13 unidades que se distanciam em no máximo 61Km entre elas, espalhadas por seis bairros em três zonas distintas da cidade do Rio de Janeiro, capital do estado, situada na região metropolitana, com uma população total de 6.775.561 habitantes - segundo o IBGE (2021) - em uma área total de 6.403.365 Km².

A capital fluminense, maior destino turístico brasileiro, é a segunda maior metrópole do país com o segundo maior Produto Interno Bruto-PIB e o segundo maior polo de pesquisa, exercendo influência nacional cultural e economicamente. Ademais, tem quatro unidades em dois bairros da cidade de Niterói, município também localizado na região metropolitana do estado, situado a 15 Km da cidade do Rio de Janeiro, com população estimada em 513.584 habitantes, segundo o IBGE (2019) - em uma área de 133.757 Km². Todas as unidades ficam situadas em bairros de classe média-alta, sendo frequentadas também por alunos bolsistas de outras localidades.

Imagem 13 – Mapa de localização das unidades do colégio Pirajá



Fonte: <https://www.google.com/maps/search/colégio+ph/@-22.9135944,-43.2456867,12z/data=!3m1!4b1>

Por serem regiões distintas, é inevitável que o público também seja diverso, por questões geográficas e socioeconômicas que diferenciam cada área; o que faz com que o planejamento e desenvolvimento das aulas, sejam diferenciados partindo do foco no que o aluno nos traz, sendo por inúmeras vezes distinto entre cada uma das unidades.

O mapa a seguir, da cidade do Rio de Janeiro, demonstra as quatro regiões da cidade, estando sinalizadas as três localidades das unidades que contam com o período integral e, com ele, as aulas de circo.

Imagem 14 – mapa da cidade do Rio de Janeiro com destaque para os locais com aulas de circo no colégio Pirajá



Acima, mapa das zonas do Rio de Janeiro: Zona Oeste (verde), Zona Sul (amarelo), Zona Central (vermelho) e Zona Norte (azul)

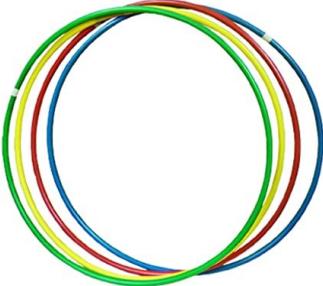
Fonte: <https://portal.loft.com.br/zonas-rio-de-janeiro/>

Apesar das unidades estarem localizadas em pontos distintos da cidade, a estrutura com a qual contamos para o desenvolvimento das aulas é semelhante, diferindo em pequenos detalhes de tamanho, por vezes contando com espelhos, quando dividida com as aulas de dança. Este é um ponto importante para ser destacado, pois as salas não são exclusivas para as aulas de circo, podendo ser divididas, por exemplo, com outras atividades corporais, no entanto, todas as salas são climatizadas e possuem estrutura de tatames, assim como colchões sarneige.

Contamos com dois trampolins em todas as unidades, mas o material é dividido com a equipe de educação física, o que faz com que nem sempre esteja disponível para o uso em nossas aulas. Materiais como chicletão, rampas e módulos octogonais não estão presentes em todas as unidades, mas é possível um remanejamento, conforme necessário, por meio de malote interno - assim como a bola de equilíbrio - há apenas uma unidade - e o material de malabares que circula pelas unidades conforme planejamento.

Quadro 3 - materiais disponíveis para as aulas de circo

<p>tatame</p> 	<p>colchão sarneige</p> 
<p>tr ampolim</p> 	<p>chicletão</p> 

<p>rampa pequena</p> 	<p>rampa grande</p> 
<p>módulo octogonal</p> 	<p>bola de equilíbrio</p> 
<p>material de malabares – bambolê</p> 	<p>material de malabares – bolinhas</p> 
<p>material de malabares – claves</p> 	<p>material de malabares – swing</p> 

Nesta escola, que completou 36 anos de existência, as aulas começaram a ser oferecidas no ano de 2015, quando tiveram início as atividades do período integral. Neste início, as aulas aconteciam apenas na unidade Cerícola, a primeira unidade a ter este período em que as crianças que estudam à tarde, tem a opção de chegar pela manhã e fazer atividades extras como circo, xadrez, dança, futebol, orientação de estudos, entre outras. Entrei em 2017 para trabalhar nesta escola, quando, no mesmo ano, iniciaram-se também as aulas na segunda unidade. A seguir, farei a descrição mais detalhada de cada unidade.

Imagem 15 – Sala de circo – unidade Cerícola



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Localizada na zona Sul do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, foi a primeira unidade a oferecer as aulas de circo em 2015. Conta com o maior número de crianças matriculada no integral, porém hoje é a que possui a menor sala para desenvolvimento da atividade, que por questões de estrutura da escola, precisou que o espaço fosse remanejado. Está um pouco menor do que o quantitativo anterior à pandemia, porém temos uma média de quatro turmas com 15 alunos cada.

Nesta unidade, geralmente podemos fazer uso do trampolim sempre que necessário, assim como da quadra, que é bem próxima da sala de circo, facilitando o transporte de material, caso se faça necessário.

Imagem 16 - Sala de circo – unidade Azevedo



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A unidade da zona Oeste foi a segunda a ter as aulas no período integral implementadas e, com esse, as aulas de circo em 2017, ano da minha entrada na escola. Apesar de ser a maior sala entre as três unidades, não podemos usá-la em sua totalidade, pois as aulas acontecem no mesmo espaço que as aulas de dança, o que faz com que possua espelhos em três das quatro paredes, além de uma barra horizontal sobre eles, o que para as aulas de circo não é a melhor opção, por termos que ter um maior cuidado com a segurança na dinâmica das aulas para que as crianças não batam com os pés na barra durante as atividades. Então, acabo por utilizar somente o meio da sala.

Nessa unidade, também pouco fazemos o uso da bola de equilíbrio e das claves por precaução com o espelho. Malabares com bolinhas e o *swing* são geralmente os mais utilizados.

Opto pelo uso das claves em uma área externa, quando possível utilizá-la, já que esta fica distante da sala e geralmente esta sendo utilizada pelas turmas que estudam pela manhã. O lado positivo é que nesta sala temos o recurso da música, pois possui um equipamento de som já instalado nela.

Imagem 17 - Sala de circo – unidade Carlo



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

No ano de 2019, as aulas de circo foram implementadas na unidade da zona norte. Não havia ainda uma sala específica para as atividades, isso decorrente da pandemia que ocorreu logo no ano seguinte ao seu início, e com ela houve vários ajustes dentro da escola. Porém, em todas as salas pelas quais já passamos, temos um espaço confortável e adequado para as aulas, e apenas em um deles dividimos com as aulas de dança, que apresenta em uma das paredes, espelho e a barra. Assim tínhamos o espaço praticamente por completo para uso.

Em todas as unidades, existe um facilitador para as crianças que apresentarem interesse em assistir a espetáculos de circo, já que próximo à todas, comumente encontramos circos armados. Na zona norte, entre as unidades Cerícola e Carlo encontramos a ENCLO, local de formação de circenses

e o espaço do projeto Crescer e Viver, já mencionados neste trabalho como locais onde constantemente há espetáculos e performances circenses. Além desses dois locais, ainda próximo, na Praça XI há um espaço em que tradicionalmente os circos antigos instalavam suas lonas. Hoje o local é chamado de Terreirão do Samba, o que fez com que a força e tradição do circo ali não mais fosse corriqueiro, mas, mesmo assim, ainda por vezes encontramos ali lonas trazendo seus espetáculos.

Além desses locais já citados, em que é comum a presença de espetáculos circenses, em alguns bairros da zona sul, como Flamengo e, mais recentemente no Leblon, foi possível assistir a espetáculos de circos itinerantes de lona. Como também, não raramente, podemos assistir a espetáculos circenses em teatros e espaços não convencionais.

Na zona oeste, identificamos uma vasta possibilidade de locais em que encontramos circos de lona. Como é uma zona muito ampla, irei me atentar aqui ao bairro de inserção das aulas, a Barra da Tijuca, bairro este em que encontramos um shopping que é referência para a instalação de lonas, mas também diversos estacionamentos que recebem circos perto da escola.

Com isso, todos os alunos que fazem as aulas de circo, têm a possibilidade de assistir, de forma profissional, diversos números que eles aprendem, o que, por inúmeras vezes, é um estímulo na aula subsequente. Esse fato já foi, inclusive, motivação ao me assistirem e identificarem em um espetáculo circense, com isso, queriam repetir o que me viram fazendo. Passaram semanas sentindo-se estimulados a mais do que fazer a aula, queriam treinar para serem habilidosos. Repetiam em conjunto: “tia, a gente quer fazer que nem você!”

Portanto, ainda que assistir a espetáculos não seja um fator estritamente necessário, é sempre estimulante quando eles observam o que podem alcançar, assim como se sentem altamente estimulados ao acompanharem as professoras em aula, executando algumas atividades junto com a turma, seja apenas jogar três bolinhas, dar uma cambalhota ou fazer um salto bem executado no trampolim, não contando ali uma perfeição na execução, mas o simples fato de se estar fazendo parte.

5.3 – Na cartola do mágico: as crianças

Para um olhar mais atento e um melhor entendimento do processo que ocorre nas aulas, na escola em que a presente pesquisa faz referência, é preciso reforçar aqui o relato de que nem todas as crianças que praticam as aulas têm interesse em fazê-la. Por vezes, os responsáveis escolheram o dia por coincidir com as aulas de inglês, com a necessidade familiar por questões de trabalho ou até mesmo pelo fato de aquela criança estar diariamente no integral. Algumas apenas têm desinteresse, outras tem aversão a se movimentar e/ou se desafiar. Outras, ainda, têm preguiça, chegam com sono, não tem em sua rotina diária as atividades de se alongar, saltar, correr. São crianças que, no recreio, passam o tempo sentadas comendo, conversando, desenhando; que não brincam de pique, não jogam futebol e não sobem nos brinquedos do pátio. Naquele momento, entretanto, por ser uma aula, precisam ao menos experimentar, se permitir e tentar realizar, juntamente com um grupo empolgado e esforçado, que escolheu estar ali nas aulas de circo, em que a opção pelos dias de estarem no integral está diretamente relacionado as aulas de circo acontecerem naqueles dias.

Crianças que gostam da diversão que a aula proporciona e a interação com os amigos. Que gostam de movimentar o corpo e experimentar diferentes possibilidades, posturas e movimentações não realizadas no dia a dia. Virar de ponta cabeça, pular, saltar, girar, rolar, jogar “coisas” para cima, se esticar, se encolher, se equilibrar e desequilibrar. As aulas de *circo* são “uma oportunidade de brincar, de se divertir, de se emocionar e admirar. Enfim, uma oportunidade de vivenciar um aprendizado único” (ONTANON, 2014, p.122).

Assim, o circo na escola aparece como uma possibilidade para a mobilidade corporal da criança, “*como uma oportunidade de vivencia, de experiência, de descoberta de novas formas de expressão e de conhecimento, inspirados na linguagem artística circense.*” (BORTOLETO, PINHEIRO, PRODÓCIMO, 2011).

São tantas as possibilidades em uma única aula que, por diversas vezes, ouço se não podemos repetir uma atividade. Os alunos sentem no seu desenvolvimento o aumento de suas habilidades, percebendo que os desafios estão ficando para trás e novos e mais difíceis vão surgindo, o que para alguns é

a verdadeira motivação, sempre querendo se superar. Logo, não só de diferença de interesses que as turmas são feitas.

Sendo assim, é mais do que necessário “desenvolver na criança a capacidade motriz, expressiva e criativa a partir do corpo, que a levará a situar-se em alguma atividade e interessar-se pelo movimento” (MALUF, 2021, p. 25). Deve-se buscar nas habilidades de cada uma a sua individualidade e a forma com que cada corpo pode interagir com a aula.

As crianças são demasiadamente heterogêneas, fato decorrente das experiências vivenciadas anteriormente ao contato com o circo e das obtidas, ou não, durante o ano e durante o período de aulas. Há desde as que já sabem fazer estrela e cambalhota antes mesmo da primeira aula, aquelas que não têm sequer o hábito ou a prática de manter seu corpo em movimento. Misturadas estão aquelas em que gostam de correr, pular, saltar e aquelas cujo passatempo principal é assistir televisão ou mexer em jogos e aparelhos eletrônicos.

Há corpos flexíveis e corpos já endurecidos pelo desuso, mesmo com a pouca idade, movimentos ágeis em contraponto aos movimentos lentos dos que não possuem uma vida ativa, corpos fortes de encontro a corpos frágeis daqueles que apenas assistem e não fazem.

E não me refiro aqui a habilidades, uma vez corpos são geneticamente diferentes, assim, realmente uns terão mais facilidade na contorção, aprendendo mais rapidamente uma ponte; outros terão mais propensão a contração, facilitando o aprendizado da parada de mão; e há aqueles em que a coordenação motora fina é o seu diferencial, jogando malabares já na primeira aula. As diferenças, que são genéticas, então, fazem com que o mundo do circo tenha espaço para todos.

A partir dessa configuração, como citado por Cardani (2018, p.49), podemos fazer uso do circo na escola como uma “prática pedagógica organizadora e sistematizadora do conhecimento específico da área da cultura corporal e da cultura de movimento, que dará ao aluno oportunidades de compreender e transformar a sua realidade social.” Trata-se de trabalhar e construir, a partir do que vem de cada criança, para que cada corpo se torne parte importante da aula, para que cada um e todos possam desenvolver e criar potencialidades a partir de um estímulo dado pela professor, a fim de que essa

diversidade sirva para construir um desenvolvimento coletivo, e não segregar através das dificuldades de cada um.

Relato aqui, mas sem ser este o foco e aprofundamento desta pesquisa, a problemática de crianças que não sabem amarrar os sapatos, não pela falta de coordenação motora fina, que será ainda alcançada pela idade, aponto aqui as que não alcançam os pés por falta de uma flexibilidade corporal ou em razão de um sobrepeso; bem como os que apresentam dificuldade em sentar-se e levantar sem o apoio das mãos. Há crianças que têm dificuldade na socialização por estarem sempre cansadas demais para um pique-pega, para subir escadas e descer pelo escorrega. Com isso, hoje, “a atual preocupação com o sedentarismo encontra subsídio num momento histórico no qual ter saúde não significa a ausência de enfermidades” (SILVA, 2020, p.271). Com isso, mais do que aprender e desenvolver as técnicas circenses com o pensamento de transformar os conteúdos aprendidos em uma apresentação ou em um espetáculo, as atividades circenses na escola exercem outro papel: sua relevância se encaixa no trabalho de movimentação corporal e no diálogo com a integração social entre os estudantes.

Apesar de não ser o objetivo desta pesquisa, aprofundar sobre o assunto, deixo aqui a importância dos estudos que melhor desenvolvem o tema e descrevem a problemática atual sobre o sedentarismo na sociedade e principalmente na infância.

Esse apontamento é necessário para demonstrar a importância da entrada da ludicidade nestas aulas, fazendo ser atrativo e interessante para todos os tipos de crianças que participam, sem diferenciação, sem pré-conceitos, sem julgamentos. É fundamental que seja uma atividade atrativa e interessante para todos, na qual sempre se sintam aptos e motivados a realizarem todas as propostas *em* “uma forma de brincar e de lidar com os próprios pensamentos” (MALUF, 2021, p.21), em que o processo é mais importante do que o resultado. Isso deve ocorrer para que todos os que experimentam o processo, sintam-se aptos a desenvolverem um trabalho final, o qual não é obrigatório, mas é esperado pela escola e pelos familiares.

Partindo do ponto que o objetivo das aulas é o processo e não o produto, fica mais fácil apontar que a importância desta não está no que as crianças irão

aprender e demonstrar ao final do ano, na apresentação para os pais. Mais importante do que isso, é o que cada uma desenvolveu ao seu modo: haverá as crianças em que aprenderam uma estrela com as pernas esticadas, as que conseguiram rolar uma cambalhota e aquelas em que nem participarão da apresentação, mas se movimentaram durante todo o ano.

Segundo Forbel apud Kishimoto *et all* (2019, p.69), nas brincadeiras que envolvem e utilizam as partes do corpo, que a criança não se preocupa “com o resultado de suas ações, que o brincar representa uma finalidade em si, que a ação motora da criança leva ao seu desenvolvimento.” Assim sendo, os alunos trabalharam o equilíbrio corporal, a flexibilidade, a força, e se divertiram enquanto se socializavam, sentiram-se encorajados, desafiados, tiveram seus medos superados.

5.4 – Na báscula, o desenvolvimento do processo

Como temos um público bem heterogêneo, distinto entre as turmas e unidades e que se difere a cada ano, damos preferência por fechar o planejamento após conhecê-los, o que nos possibilita focar nos interesses apresentados por cada turma. Tal processo parte do conhecimento dos alunos e turmas. Assim avaliamos experiências e interesses dos grupos e tentamos adequar o que podemos oferecer de atividades para cada grupo, o que sempre se modifica a cada ano.

Há alguns pontos principais em que nos focamos também para o planejamento: quantidade de alunos por turma que temos naquele ano, espaço no qual iremos trabalhar e material disponível. Essa é uma avaliação importante de ser feita devido à diferença não só de público-alvo das aulas, mas, além disso, devido ao espaço em que poderemos desenvolvê-las também faz muita diferença no planejamento.

Em turmas menores, é possível fazer um trabalho mais individualizado, potencializando habilidades corporais por meio da ludicidade. Em turmas maiores, os jogos circenses em que o grupo interage como um todo acabam sendo trabalhados na maior parte das aulas.

Contudo, independentemente dos discentes com os quais iremos trabalhar naquele ano, é sempre importante que façamos nosso planejamento alinhado ao projeto político-pedagógico da instituição, como citado por Ontañón (2016, p.31),

“Gostaríamos de expressar que nosso interesse é buscar um amplo e profundo entendimento sobre a arte circense, estabelecendo ainda limites para esse tipo de intervenção pedagógica, isto é, assumindo que o objetivo de desenvolver as atividades circenses no âmbito educativo (e escolar) não é formar artistas, e sim apresentar a todos os sujeitos desse processo parte do simbolismo, da ludicidade, das técnicas e demais aspectos que compõem esta fascinante e secular linguagem artística. E, mesmo com caráter introdutório, essas práticas deverão sempre ir acompanhadas de um posicionamento crítico.”

Não se busca, aqui, atribuir aos grupos menores ou maiores um melhor ou pior desenvolvimento das aulas, apenas apontar a diferença que se faz necessária também em decorrência do número de crianças por turma - para apenas uma professora - e com um espaço limitado. Em razão dessa diferença, algumas atividades funcionam apenas em um grupo grande e outras funcionam melhor em um grupo reduzido.

Relata-se, aqui, o que ocorreu neste último ano em que havia, na mesma faixa etária, uma turma com cinco crianças com aula em uma sala grande e, na outra unidade, a turma era composta por 18 crianças em uma sala com a metade do espaço. O desenvolvimento das atividades tende a ser bem diferente, mesmo quando o planejamento é igual ou semelhante, dependendo da quantidade de crianças por metro quadrado na aula.

Mas pontuo, principalmente aqui, que modalidades circenses em que necessitam de um trabalho individualizado maior, como é o caso da contorção, pirâmides e icarius, são mais difíceis de serem desenvolvidas em turmas com um maior quantitativo de crianças.

Na contorção, sendo uma prática individual, em que cada corpo terá um foco diferente na elasticidade, a professora deverá intervir diferentemente para cada um, ajudando especificamente na desenvoltura da flexibilidade e na mobilidade articular de cada parte do corpo.

Já as pirâmides necessitam de muita segurança para que as crianças não caiam umas sobre as outras, na construção e na desmontagem da pirâmide, que

se realiza com as crianças subindo umas nas outras, montando figuras corporais que lembram uma pirâmide ou uma torre.

Por fim, icárus, que também necessita de uma segurança maior para cada dupla. Quando uma criança levanta a outra sobre ela com os pés. Muitas vezes ocorre que a professora levanta as crianças sobre seus pés, em uma turma mais vazia, o revezamento entre as crianças é rápido e viável que todas participem da atividade durante a aula.

5.4.1 – O ponto de partida

O primeiro mês utilizo primordialmente para o reconhecimento das crianças e entre as crianças. Mesmo para aquelas em que já participavam das aulas anteriormente, esse processo faz-se necessário por conta de todas as experiências vivenciadas por elas neste período, tanto ao longo do ano, quanto nas férias. Às vezes chegam no ano seguinte com novas perspectivas, novas habilidades e novos interesses.

Em todas as aulas, inicio com uma roda de conversa para poder explicar a todos qual ou quais os objetivos do dia, buscando a atenção dos presentes para os pontos importantes e os de maior cuidado na aula do dia. Posteriormente, promovo brincadeiras em que geramos a desinibição, a descontração e a confiança entre eles e com a professora. Visto que a ludicidade “proporciona uma maior interação entre a criança e o aprendizado, fazendo com que os conteúdos fiquem mais atrativos e as crianças mais interessadas” (MALUF, 2014, p. 45). O foco do processo é apresentar a eles um ambiente leve, divertido e com muitas brincadeiras, sendo sempre muito agradável para todos nesse primeiro momento. Geralmente neste início, busco utilizar de brincadeiras populares já conhecidas por eles, por intermédio das quais, gradativamente, são inseridos diferentes aspectos ligados ao circo para ir introduzindo a temática da aula.

Um outro objetivo deste primeiro momento é também trabalhar nas crianças a vontade de conhecer o circo e suas possibilidades, lembrando Paulo Freire (2008, p.85), em que diz que “a construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade” e, assim, estimular por meio desta

vontade de descobrir o novo, desta inquietude de como fazer este novo acontecer.

No início, a utilização de tarefas bem simples para que, com o passar das aulas, eles ganhem confiança e sintam-se estimulados a superar o que vier de mais difícil e desafiador. Após esse primeiro contato, muitas dessas brincadeiras são utilizadas como forma de aquecimento das aulas subsequentes. Um jeito divertido de aquecermos o corpo para quando formos partir para temáticas mais objetivas e atividades mais focadas em alguma habilidade circense mais específica são brincadeiras em que o alongamento, equilíbrio e até mesmo um trabalho de força entram despercebidos junto de brincadeiras em que eles já aprenderam a forma com a qual o circo pode estar inserido com pequenas posições e ou movimentos. Mais adiante, farei algumas exemplificações destas atividades, com explicação passo a passo desde a brincadeira tradicional.

5.4.2 – Ao longo do ano

Após fazer uma avaliação e, assim, conhecer os interesses e habilidades das crianças, já temos o perfil das turmas esboçado e, a partir daí, o planejamento é desenvolvido, sempre visando a alcançar o maior número possível de atividades com habilidades circenses variadas e deixando no final do ano um espaço para ensaios, caso haja uma apresentação. A partir deste segundo momento, o objetivo é começar a praticar e potencializar as habilidades circenses nas aulas, sempre de forma lúdica, tendo as brincadeiras como ponto de partida para trabalhar habilidades básicas e inerentes a inúmeras atividades, que neste início, utilizamos de muitas propostas advindas de outras modalidades para poder preparar o corpo das crianças para as acrobacias.

Porém é importante ressaltar, que assim como no estudo realizado por Ontañón (2016, p.66) no Colégio Saint-Exupéry, em que o professor responsável, Pierre Dubois, relata que “no entendimento e na prática dele o circo tem a possibilidade de promover a criatividade das crianças e jovens, sendo uma prática muito valiosa na busca de uma educação contemporânea que faça dos alunos sujeitos ativos da sua formação.” Também acreditamos nesse potencial e buscamos desenvolver as práticas das aulas sob este olhar.

Ressignifica-se ao longo do ano os saberes já adquiridos anteriormente por elas em outras áreas e experiências que possam contribuir com as aulas, numa construção criativa e interessante sob o olhar infantil, ressaltando a prática de fazer junto delas essa incansável troca de saberes para que possamos utilizar de diversas linguagens e nuances, transformando em diferentes possibilidades um mesmo truque, uma mesma posição e um mesmo movimento, dependendo do contexto em que ele for desenvolvido e aplicado.

Por meio dessa interlocução com as propostas metodológicas das professoras, visando o ensino das atividades circenses, e acreditando que “a criança vai construindo seu conhecimento de mundo de modo criativo, lúdico, modificando a realidade com os recursos da sua imaginação”, devendo “ser sempre respeitada, pois seu mundo é mutante e acaba oscilando entre fantasia e realidade” (MALUF, 2014, p.19). É preciso fazer essa união de forma lúdica com movimentos corporais que trabalhem atenção, cooperação, lateralidade, equilíbrio, agilidade, flexibilidade, coordenação, força, buscando desenvolver para o circo as propostas da seguinte forma:

- atenção – desenvolver a escuta e a reflexividade sobre as tarefas orientadas, manter-se em estado de alerta para que possa ser capaz de entender ou questionar acerca das atividades propostas;
- cooperação – trabalhar a capacidade de ser colaborador em prol de si mesmo e do grupo, estando apto a usar da escuta para colaborar com o desenvolvimento da aula e das atividades com o grupo;
- lateralidade – ser capaz de desmembrar as partes do corpo, com foco nos lados direito e esquerdo, buscando a descoberta de pernas, braços e lados e comando;
- equilíbrio – posicionar o corpo no espaço de diferentes formas, com desequilíbrios, mas conseguindo se manter dominante do próprio corpo e dos movimentos realizados por ele;
- agilidade – capacidade de trocar de direção e movimento de forma abrupta, sem a necessidade de uma parada entre;

- flexibilidade – usar de toda elasticidade corporal possível, alongando e deixando o corpo maleável, atingindo níveis maiores de amplitude de movimentos a cada aula;
- coordenação – ser capaz de juntar movimentos diferentes, muitas vezes com trocas de direção espacial (frente, trás, direita, esquerda, diagonal) e lados corporais, ordenando o corpo de forma a estruturá-lo e organizá-lo;
- força – ser capaz de movimentar o corpo ou mantê-lo estático (o próprio ou o corpo de outra pessoa), utilizando da força muscular e tensão que podemos fazer nele.

A partir deste trabalho de potencialização de habilidades corporais, passamos a buscar o desenvolvimento das modalidades circenses. Pelo espaço que possuímos na escola, assim como a partir dos materiais que temos para a execução das aulas, desenvolvemos o planejamento das atividades a partir das modalidades a seguir, porém sempre atentas a possíveis necessidades de mudança, tanto seguindo a observação nas turmas quanto possíveis pedidos vindos da escola ou qualquer imprevisto que ocorra no decorrer do ano.

Segundo as divisões sugeridas por Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011, p.23), as atividades circenses podem ser divididas como demonstrado a seguir:

Quadro 4 – Divisões de jogos circenses

Jogos Malabarísticos	Situações lúdicas que solicitam a manipulação de objetos (malabares) como fundamento básico, possibilitando assim a vivência de diferentes modos ou modalidades de malabarismos, bem como os conceitos pertinentes a elas.
Jogos Clownescos	Jogos que envolvem a interpretação e a expressão de conteúdos dramáticos (sentimentos, histórias, imagens, etc.), de preferência sem o uso da palavra, utilizando especialmente a expressão corporal e a gestualidade. São jogos que se aproximam da atuação do palhaço circense, do mímico e das pantomimas.
Jogos Funambulescos	Jogos baseados no equilíbrio corporal sobre objetos diversos (arame, bolas, rola-rola, monociclo, perna-de-pau, etc.) caracterizando a ação dos funambulistas de circo.

Jogos Acrobáticos	Jogos que envolvem ações motrizes acrobáticas que, por definição, consistem em ações não naturais (ou pouco naturais), diferentes do andar, caminhar, correr, sentar. Geralmente são ações complexas que exigem especial consciência e controle corporal, incluindo movimentos como rolamentos, saltos com giros e inversões, rotações em um ou mais eixos e às vezes várias destas ações combinadas.
Jogos Circenses Diversos	São jogos que diferem dos demais devido às suas características, envolvendo ações de modalidades circenses que não se enquadram nas demais categorias. Por exemplo: atirador de facas, domador, mágico, engolidor de espada, homem bala, etc.

Fonte: Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011,p.23)

Mas, na literatura, não somente esses autores trazem uma divisão quanto às possibilidades de ensino do circo, citado por Ontañón (2014, p.99) Bortoleto e Machado (2003) também “propuseram uma classificação das atividades adaptada ao âmbito escolar organizando as possibilidades em relação ao tamanho do material” com detalhe para o tópico de materiais de tamanho grande que não seriam utilizados na escola.

Quadro 5 – Divisão das modalidades circenses

Modalidades com materiais de tamanho grande	Trapézio Volante; Báscula; Mastro Chinês; Balança Russa.
Modalidades com materiais de tamanho médio	Monociclo; Perna de Pau; Bolas de Equilíbrios; Trapézio Fixo; Tecido; Corda Vertical; Arame (funambulismo); Corda Bamba; Bicicletas Especiais (acrobáticas e ou de equilíbrio); Trampolim Acrobático (Cama Elástica); Paradismo (mesa – Pulls); Balança Coreana.
Modalidades com materiais de tamanho pequeno	Malabares; Rola Americano (Rola-Rola); Mágica e Faquirismo (com material pequeno: moedas, baralhos, etc.); Pirofagia; Fantoches e Marionetes.
Modalidades sem materiais (corporais)	Acrobacias de Chão (solo); Mão a Mão (duplas, em grupo); Canastilha; Contorcionismo; Equilibrismo Corporal Individual; Paradismo; Verticalismo (solo); Clown (palhaço); Mímica; Ilusionismo (sem a utilização de instrumentos e ou materiais; Ventriloquia.

Fonte: Bortoleto e Machado (2003, p. 21)

Além destes, Duprat (2007), também aparece na tese de Ontañón (2014; p.99) fazendo uma divisão nas atividades circenses ao propor “uma classificação alternativa, focando nas ações motoras gerais envolvidas e pensando no trabalho do professor, dividindo os conteúdos em unidades didático-pedagógicas”.

Quadro 6 - Classificação das modalidades circenses em unidades didático-pedagógicas

Unidades didático-pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades Circenses
Acrobacias	Aéreas	Trapézio Fixo; Tecido; Lira; Corda.
	Solo / Equilíbrios Acrobáticos	De chão (solo); Paradismo (chão e mão-jotas); Poses Acrobáticas em Duplas, Trios e Grupos
	Trampolinismo	Trampolim Acrobático; Mini-Tramp; Maca Russa
Manipulações	De Objetos	Malabarismo
		Prestidigitação e pequenas mágicas
Equilíbrios	Funambulescos	Perna de Pau; Monociclo; Arame; Corda Bamba; Rolo Americano (Rola-Rola)
Encenação	Expressão Corporal	Elementos das artes cênicas, dança, mímica e música
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos

Fonte: Duprat (2007, p. 58).

A partir desta divisão sugerida pelos autores e com as possibilidades que encontramos na escola, optamos por fazer algumas diferenciações nas propostas em nossas aulas, com o intuito de facilitar a nomenclatura usada com as crianças, para uma associação mais imediata quanto ao conteúdo a ser trabalhado naquele dia, assim como pelo enfoque ao qual trazemos para as aulas.

Abaixo, apresento a lista de modalidades que sigo com os conteúdos trabalhados na escola desta pesquisa.

- Acrobacia de solo - trabalho de habilidades corporais executadas no solo (tatame ou colchão sarneige) sem a necessidade do uso de materiais ou equipamentos, podendo ser individuais, como a cambalhota para frente, cambalhota para trás, estrela, parada de mão, parada de três apoios, ponte, suplê, reversão, entre outros; ou podendo ser realizados em duplas, trios e pequenos grupos como pirâmides, portagens e icarius.

Imagem 18 – aula de acrobacia de solo



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

- Contorções – alongar o corpo de tal forma a criar posições diferenciadas por meio da flexibilidade corporal
- Saltos – com o uso do mini trampolim e aterrissagem no chicletão, realização de pequenos saltos: salto esticado, grupado, afastado, carpado, com pirueta e leão.
- Malabares - manipulação de objetos, sendo os utilizados em nossas aulas com frequência as bolinhas, as claves e swings, materiais disponíveis na escola e - sempre que possível - levo meu material próprio como aro, flag e prato chinês (os de plástico).
- Palhaçaria – gags clássicas da palhaçaria e pequenas esquetes cômicas, geralmente montadas pelas crianças, com entremeios acrobáticos. Circo-teatro – uso das modalidades circenses em que se faz necessária a interlocução com outras artes, como o teatro e as artes plásticas, para o

desenvolvimento de modalidades como engolidor de espadas, atirador de facas, globo da mortes, mágico, homem-bala, etc

- Bola de equilíbrio – uso da bola de fibra de vidro, com 80 cm de diâmetro, na qual as crianças aprendem a sentar, fazer pequenos movimentos de deslize e giro sentadas e de barriga, ficar em pé e andar sobre ela.

Imagem 19 – Aula de equilíbrio



Fonte;Arquivo pessoal (2021)

Com as habilidades circenses em foco neste segundo momento, seguimos assim ao longo do ano, sempre entremeando as acrobacias com brincadeiras, deixando o processo leve e prazeroso para as crianças.

Assim como Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011, p.24), “entendemos que as atividades circenses devem ser vivenciadas sob este prisma lúdico e não pautadas nos padrões técnicos, nem mesmo visando resultados performáticos ou artísticos.” Buscamos sempre começar a aula com alguma brincadeira que faça o papel de aquecer o corpo, alongar e preparar para as atividades mais complexas, evitando ao máximo que sejam utilizados alongamentos padrões, polichinelos, circuitos ou qualquer outro tipo de aquecimento em que o lúdico não esteja presente. “Buscamos evidenciar o potencial criativo, expressivo e artístico destas práticas, cativando os praticantes a quererem conhecer ainda mais este legado cultural” (idem).

Quando é necessário que façamos uso de alguma atividade mais metódica, visando a um alongamento ou aquecimento de uma parte muito específica do corpo, buscamos fazê-lo sempre com a ludicidade em foco, por meio do perfil da turma, já estabelecido anteriormente, fazer através de uma disputa, um sorteio, brincadeira de “o mestre mandou” ou qualquer outra tática que não meramente a professora demonstra e os alunos executam.

5.4.3 – O final do ano

Após todo o processo de construção das habilidades circenses ao longo do ano, chegamos ao momento em que começamos a ver junto com a escola a possibilidade de uma apresentação das crianças, a qual por vezes acontece para os pais, em alguma festa de encerramento, juntamente com as outras atividades, por vezes é inserida em algum conteúdo temático trabalhado por todas as disciplinas, podendo ocorrer isoladamente para os pais ou estudantes da escola e podendo, até mesmo, não acontecer.

Porém, diante de tantas possibilidades para este encerramento, sempre gostamos de preparar algo. Trabalhamos com os alunos a exploração da criatividade e pesquisa, escolha democrática do tema, pesquisa de músicas e elementos que podem auxiliar no desenvolvimento e construção de um número e por vezes, até um espetáculo.

Nesta etapa, gostamos de levar aos alunos que “como manifestação da cultura corporal, o circo possui uma história que não pode ser ignorada. É importante entender, na hora de trabalharmos com essas atividades, se faz necessária uma contextualização dos saberes circenses” Ontanon, (2014, p.79), para que as crianças possam entender cada etapa, a importância do todo e de cada um e, assim, poderem se fazer presentes dentro de todo o processo. Como há uma gama de possibilidade e geralmente não sabemos com antecedência como será, este processo de construção se faz mais do que interessante e importante junto às crianças, que realmente se tornam pertencentes ao que está sendo construído e proposto.

Elas estão em todo o processo desde o início, desde a ideia inicial, estando também bem à vontade quanto a não aceitação em se exhibir e participar do processo de uma outra forma diferente.

Entender essa construção faz com que cada um encontre o seu espaço e sua função, percebendo que todos são muito importantes na engrenagem, sendo esta “uma grande vantagem do circo, já que permite explorar as diversas opções a partir dos gostos individuais envolvendo situações muito diferentes” Ontanon, (2014, p.128). Neste processo, mais do que em qualquer outra parte do processo, o trabalho coletivo mostra a sua força e a sua importância. Neste momento gostamos muito de trazer a história do circo, sua origem e seu funcionamento.

Sempre relato que a minha primeira vez em um espetáculo circense foi como “a menina da cortina”, aquela responsável por abrir e fechar a cortina na hora certa, para que o artista que vai entrar ou sair tenha o seu momento de glória sem que a cortina o atrapalhe e sem que esta deixe à mostra o que está por trás dela, os bastidores e aquela bagunça que se encontra escondida; sempre reforçando a importância de cada um para o todo e o todo para cada um; bem como demonstrando com exemplos e apontando muito do que eles vivenciam na prática na construção do próprio número ou ajudando no número do colega.

Menciona-se aqui a possibilidade da criação de números ou espetáculo devido a maleabilidade em que temos tanto com as turmas quanto ao que esperar de demanda da escola. Por vezes um espetáculo em que temos uma temática única para todas as turmas da unidade funciona muito bem, mesmo que este esteja preenchido de números, que podem ser por turmas ou grupos de afinidade. Mas dependendo da forma como será a nossa finalização do ano, cada turma ou grupo dentro da turma apresentará números isolados. Quando é um número da turma, é necessária uma organização maior por parte da professora, mas quando é possível que pequenos grupos montem e apresentem seus números, em geral optamos pela autonomia das crianças, ficamos por perto para poder orientar e direcionar quando preciso.

Como já relatado anteriormente, optamos por deixar as crianças bem à vontade e sentindo-se pertencentes à apresentação, o que faz com que eles decidam se gostariam de usar algum figurino, apenas combinar alguma roupa, se é necessário o uso de algum material circense ou não, assim como as músicas,

que eles sempre têm direito de indicar e opinar, e as professoras fazendo apenas restrições quanto a músicas com algum palavreado inadequado para o ambiente escolar.

É importante frisar que esta é uma construção feita com as crianças, o que torna o processo com os anos finais (4º e 5º anos) mais ágil quando elas realmente tem uma maior autonomia e maior participação em todo o processo, principalmente com aquelas em que estão participando das aulas desde o 1º ano. Essa construção com as turmas de crianças menores é mais lenta e algumas apresentam bastante dificuldade em poderem escolher e ser ouvidas, agem mais facilmente ao receberem o comando, não se sentindo aptas a escolherem ou opinarem. Mas continuam sendo sempre estimuladas a poderem contribuir no formato em que mais se sentem confortáveis.

Imagem 20 – Apresentação de final de ano na escola



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Não posso deixar de ressaltar a importância da intervenção da professora nesta etapa de entrada dos alunos, tão explicitamente na construção da apresentação, sendo necessária a reflexão e discussão da “adequação de espaço de prática, materiais disponíveis, as medidas de segurança necessárias, dependendo da modalidade a ser trabalhada, etc. Todos esses cuidados são

necessários para evitar improvisado e o “fazer por fazer” (Ontanon, (2014, p.135). A autora citada faz referência às aulas planejadas pelo professor quando cita ser “necessário realizar um planejamento que inclua metodologias que possam se adequar ao contexto e ao conteúdo” (IDEM), porém uso a referência acima para elucidar a real entrada e inserção dos alunos nesta construção e na importância de trazer esses cuidados.

É crucial desenvolver com eles o pensamento crítico de não apenas colocar na apresentação o que gosta e da forma como se sente mais confortável de estar realizando, mas trazendo um entendimento do coletivo, da segurança, da interiorização do que será realizado.

Independentemente do formato em que se dê apresentação, ou mesmo ela não acontecendo, acredito ser essencial este conteúdo nas aulas de circo, para que assim as crianças possam cada vez mais entrar no mundo do circo e entender cada pedaço do processo de criação e desenvolvimento das habilidades por eles adquiridas e praticadas durante o ano, já que é neste momento que, individualmente, cada um no seu tempo e mesmo que nem sempre aconteça com todos, eles percebem a importância da prática, da atenção, do esforço, do foco na construção e aprimoramento; desenvolvimento trabalhado para as habilidades circenses, mas que entendo que possam haver desdobramentos para todos os campos, já que essa é uma percepção obtida por eles, que desejam “fazer mais bonito”, como eles mesmo falam e sinalizam.

É o momento em que pouco a pouco as crianças percebem o resultado (ou não) de todo o esforço que tiveram, ou percebem que deveriam ter tido para um melhor desempenho, e sentem-se estimulados a buscar potencializar a modalidade na qual têm mais interesse, tem mais facilidade ou gosta de participar junto ao grupo.

Independentemente da motivação e sem cobrança alguma por parte da professora, é quando encontram prazer e alegria em perceberem sua melhora e desenvolvimento em truques, acrobacias, posições e movimentos.

Neste momento, há uma divisão natural na aula, vinda dos próprios alunos, que gostam de propor as brincadeiras de aquecimento que mais gostam, cabendo a professora apenas a organização para que todos possam escolher e todo o corpo ser aquecido nesta primeira etapa e um segundo momento de repetição de

movimentos, para evolução rápida do mesmo. As próprias crianças pedem para repetir o que já alcançaram ou estão quase alcançando.

Há também uma separação orgânica por afinidade em que os grupos de amigos ou grupos de interesses pela mesma modalidade circense se unem para praticar. Tento interferir o mínimo possível, apenas orientando para que não ocorra de nenhum aluno ou aluna ficarem isolados, e na maneira como melhor fazer o truque, dando dicas e apontando pequenas correções para o melhor desenvolvimento do mesmo por eles.

Uma ferramenta muito utilizada nesta etapa é a filmagem. Muitas vezes as crianças não tem o entendimento do que estão fazendo ou como está todo o processo e, quando visualizam através da filmagem, entendem ou mudam a perspectiva do que estão criando e executando. Trata-se de um recurso que uso quando percebo que a dificuldade em algum momento torna-se geralmente um dos mais pedidos pelos discentes quando eles observam com mais veracidade o que estão construindo e desenvolvendo, podem apreciar o seu aperfeiçoamento, sentindo-se felizes e realizados. Com os que não conseguem facilmente observar esta melhora na execução de seus movimentos, porque são muito críticos com eles próprios ou porque realmente dentro da turma não obtiveram um desempenho tão expressivo quanto os demais, busco trabalhar o desenvolvimento desta percepção, traçando um histórico pessoal desde a primeira aula até a aula atual. Assim, filmar esse processo tem um importância grande para ter material concreto para poder demonstrar para essas crianças a sua evolução. Fotografar algumas aulas durante o ano também ajuda muito nessa construção.

Um ponto importante a ser destacado é que em todo este processo não temos um sistema avaliativo com notas ou conceitos, as crianças não possuem metas a cumprir. Mas apresentamos e enfatizamos sempre a importância da participação de todos durante o ano e de que as aulas possuem uma proposta e temos como objetivo que todos desenvolvam e potencializem suas habilidades corporais, mas sempre respeitando a individualidade de cada um, com objetivos específicos para cada turma, e principalmente objetivos pessoais, sempre partindo de uma construção com eles, nada imposto. Isso ocorre para que elas se sintam desafiadas e estimuladas a cumprirem o que desejaram, o que

planejaram. E como estamos juntas nesta construção, ajudamos a identificar os objetivos possíveis, indicando os que são fáceis, os que necessitam de um tempo maior para serem alcançados e os que irão requerer uma prática mais constante.

Este detalhamento é desenhado ao longo dos anos, já que como construímos junto deles, geralmente os menores focam em objetivos mais amplos, enquanto os alunos mais velhos em objetivos mais específicos.

Outra observação relevante de ser feita, é a troca com as famílias nesta etapa final. Momento em que os familiares podem acompanhar de perto e visualizar o que as crianças têm realizado durante as aulas de circo, quando eles estão mais próximos não só do resultado final, mas sentem-se mais a vontade de virem até a professora. Nesta aproximação além tirar dúvidas quanto ao processo, de como ocorrem as aulas, questionando sobre as propostas e o desenvolvimento das aulas, assim como a metodologia, aproveitam para entender melhor sobre as modalidades trabalhadas, trazendo sempre lembranças de quando eram crianças e frequentavam o circo.

Indagam sobre a segurança, quando faço sempre questão de relatar que há sempre uma progressão pedagógica dos exercícios, os quais são acompanhados de perto por mim, sempre com uso de colchões. Assim como há um trabalho para a construção da força, flexibilidade e domínio corporal para a execução de todo e qualquer movimento ou postura.

Percebo nos comentários uma receptividade grande por parte dos responsáveis, os quais sempre demonstram a valorização pela figura da professora e enaltecem o trabalho desenvolvido. Ficam surpresos com o que suas crianças fazem, relatando por inúmeras vezes que não imaginavam tamanho grau de dificuldade nos truques. Mas principalmente por parte daqueles responsáveis em que mais do que aprender um truque difícil ou executá-lo com perfeição, se mostram admirados com aqueles que melhoraram sua desinibição, sua desenvoltura na fala diante do público, que abriram um sorriso diante de todos, que participaram coletivamente de uma atividade.

Importante esse retorno das famílias, porém ainda mais importante é visualizar a satisfação das crianças em conseguirem estar demonstrando as superações de seus limites. A confiança deles em si e em todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano.

6 – Com o palhaço, o circo em forma de brincadeira

Imagem 21 – Beber com uma só mão



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

É bom ser criança! Brincar a vida como balança. Sentir em coisas simples a alegria, onde todavia nada existia. Neste olhar meigo de esperança, vejo a sabedoria desta simplicidade, de como é lindo ser criança.

Jorge Jacinto da Silva Junior

A foto retrata uma brincadeira clássica da palhaçaria - “Beber com uma só mão” - quando a palhaça diz que consegue beber o líquido do copo que está de cabeça para baixo (emborcado em um prato) utilizando apenas uma das mãos. Um truque utilizado pelos palhaços tradicionais, que aprendi com meu professor Pirajá, já mencionado anteriormente. Assim, mais uma vez apresento as possibilidades da união do circo com a ludicidade e a brincadeira, lembrando o que já é inerente a esta arte, a alegria.

A linguagem utilizada, a forma de condução da aula, assim como os objetivos planejados irão direcionar o caminho para a construção e o desenvolvimento das atividades lúdicas.

Seguindo os critérios da ação lúdica, conforme Almeida (2007), apresentado na tabela 2 deste trabalho (p.54), é possível indicar esta metodologia de ensino de circo como prazerosa, sendo agradável e percorrendo o campo afetivo e supermotivada, provocando a superação de limites e satisfação de necessidades.

Com uma linguagem leve e uma proposta aberta aos estímulos trazidos pelas crianças. Entender a turma, perceber suas preferências, interagir com seu mundo, se apropriar das brincadeiras e linguagens utilizadas por elas naquele momento facilita esta prática. Compreender que nem toda brincadeira irá funcionar com todas as turmas, mas haverá aquelas em que será possível reproduzir por diversas vezes com o mesmo grupo e ainda assim surtirá efeito.

É importante ressaltar que a proposta das aulas nesta escola não é a formação de pequenos artistas, mas que, em qualquer aula, em especial com crianças, o uso da ludicidade por meio de jogos e brincadeiras sempre torna a aprendizagem mais prazerosa. E que muitas das atividades propostas cabem também para o início ou final de qualquer aula de circo.

E, para isto, demonstro aqui algumas das possibilidades de atividades em forma de brincadeiras que utilizo durante as aulas, sendo apenas uma das ferramentas aplicadas para esta construção lúdica durante o processo de ensino aprendizagem. Apenas faço referência às atividades que creio serem reproduzidas facilmente caso haja interesse do leitor. Assim como Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011), farei uma descrição dos jogos acrobáticos que mais utilizo durante as atividades, com suas variações, caso houver, especificando

materiais a serem utilizados, sua proposta de duração e atenção para a segurança necessária, sendo todos elaborados por mim.

Quadro 7 – Pique Pose

Denominação	Pique - Pose
Idade recomendada	A partir de 5 anos
Material utilizado	Nenhum
Número de participantes	Mínimo de 3
Duração	Indeterminada
Descrição	Temos 1 pegador que tentará pegar os demais. Porém estes não podem ser pegos se estiverem fazendo uma pose determinada pela professora. Pode ser desde uma estátua de pedra, de foguete (corpo na vertical totalmente esticado, braços para o alto), estar igual o saci. Quem for pego fora da pose será o novo pegador.
Variações	Dependendo do nível da turma, as posições podem variar entre fáceis, como descritas acima, até posições mais elaboradas como a ponte e até mesmo a parada de mão na parede.
Segurança	O pegador deverá estar atento para não derrubar a pose dos fugitivos.

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 8– Estátua Acrobática

Denominação	Estátua Acrobática
Idade recomendada	A partir de 5 anos
Material utilizado	Caixa de som
Número de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminada
Descrição	A tradicional brincadeira em que, enquanto a música estiver tocando, as crianças podem dançar e se movimentar aleatoriamente, mas quando parar, elas precisam fazer uma pose pré determinada: um alongamento de braços, uma espacata, uma vela, uma ponte, uma parada de mãos, tarefas que dependerão sempre do nível de cada turma.
Variações	A critério da professora
Segurança	Não necessita

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 9 – Pique Caranguejo

Denominação	Pique - Caranguejo
Idade recomendada	A partir de 6 anos
Material utilizado	Nenhum
Número de participantes	Mínimo de 3
Duração	Indeterminada
Descrição	Na posição do caranguejo (mãos e pés no chão, na posição de quatro apoios com a barriga voltada para cima) tem um pegador e os demais são fugitivos, e o pegador precisa pegar os demais usando a ponta dos pés. Quem for pego vira o novo pegador.
Variações	O pegador deverá pegar todos os participantes, quando a cada pessoa que for pega, esta deverá ficar em uma espacata (ou qualquer outra posição de alongamento proposta pela professora) até que todos os demais sejam também pegos.
Segurança	Não necessita

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 10 – Jacaré no Rio

Denominação	Jacaré no Rio
Idade recomendada	A partir de 6 anos
Material utilizado	Colchões sarneige
Número de participantes	Indeterminado, estipulado pelo tamanho do espaço e quantidade de colchões disponíveis.
Duração	Indeterminada
Descrição	Com uma fileira de colchões, que será o rio, onde uma das crianças permanecerá e será o jacaré, deve-se manter na posição horizontal, deitada em decúbito ventral, com a barriga e a maior parte do corpo tocando o solo (como um jacaré) pegando as outras crianças que tentarão atravessar o rio correndo. Ao pegar um amigo, este passará a ser o novo jacaré.
Variações	Ao longo da brincadeira, as crianças precisarão atravessar o rio de diferentes formas: saltando num pé só, com os dois pés juntos, sem pisar no rio, com pirueta, fazendo saltinho esticado, grupado, com uma cambalhota, estrela, a critério da professora e de acordo com as habilidades da turma em relação a idade e nível.
Segurança	É necessária uma prévia explicação com foco na atenção das crianças para ficarem atentas a todas que estão também tentando passar para não acontecerem “trombadas”. Assim como o jacaré não pode puxar os pés de quem esteja atravessando o rio, apenas tocar.

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 11 – Pique –Circo

Denominação	Pique - Circo
Idade recomendada	A partir de 5 anos
Material utilizado	Nenhum
Número de participantes	A partir de 3
Duração	Indeterminada
Descrição	O tradicional pique-pega, em que uma criança é a pegadora e os demais são fugitivos, porém quando o pegador encosta com a mão em outra criança, esta deve executar a posição ou movimento estabelecido no início da brincadeira. O pegador é trocado ao comando da professora, que também troca a tarefa que deve ser cumprida por quem foi pego, podendo fazer uso de alongamentos, saltinhos, prancha, estrela, partindo de atividades com o intuito de aquecer ou a prática dos movimentos posições. Podendo ser feitas no meio da brincadeira ou ter um espaço à parte destinado para execução dos mesmos.
Variações	A critério da professora
Segurança	Atenção ao espaço para a realização das tarefas de quem for pego.

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 12 – Pique –Circo “Punk”

Denominação	Pique - Circo “Punk”
Idade recomendada	A partir de 8 anos
Material utilizado	Nenhum
Número de participantes	A partir de 3
Duração	Indeterminada
Descrição	Nesta nova configuração da brincadeira, como se fosse um nível elevado, uma próxima fase de um jogo de vídeo-game, semelhante ao Pique – Circo, neste o pegador é quem vai decidir o que o fugitivo irá realizar quando for pego, sendo alterado a cada criança pega.
Variações	A dinâmica muda por conta do dinamismo maior em que tanto o pegador quando o fugitivo precisam ter, raciocínio rápido para associar a teoria e prática da tarefa proposta.
Segurança	Nesta variação, é necessário um pré-conhecimento por parte de todos os alunos dos movimentos e posições que podem ser feitas na brincadeira.

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 13 – Atravessar o Rio

Denominação	Atravessar o Rio
Idade recomendada	A partir de 7 anos
Material utilizado	Tatames e colchões sarneige
Número de participantes	A partir de 1
Duração	Indeterminada
Descrição	Esta é uma atividade em que visa o avanço em alguns exercícios. Para os menores comece construindo uma história com eles, para que faça sentido e a fim de que tenha um porquê para “atravessar o rio”. Os maiores geralmente entram na brincadeira mais na bagunça e desafiando uns aos outros. Os colchões são dispostos lado a lado, que podem ir distanciando ao desenrolar da brincadeira para dificultar a execução do movimento e alcançar níveis mais avançados (neste caso o uso de tatames nestes espaços é indicado). Podem ser executados saltos esticados, grupados, afastados, com pirueta, cambalhotas, estrelas; sendo o objetivo tentar fazer o movimento de um colchão para o outro, visando a uma maior amplitude nos movimentos
Variações	A critério da professora.
Segurança	Não necessita.

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 14 – Resta 1

Denominação	Resta 1
Idade recomendada	A partir de 8 anos
Material utilizado	Tatames ou colchões sarneige
Número de participantes	Um mínimo de 4
Duração	Até sobrar apenas 1
Descrição	Nesta atividade as crianças farão uma disputa de resistência. Todas deverão montar a posição estabelecida para aquela rodada ao mesmo tempo e se manter na postura até aguentar ou ser desclassificada pela professora por ter desrespeitado algum critério da posição. Exemplo: se manter posição da vela por mais tempo, mas será desclassificado quem separar as pernas, o pé não estiver apontando para cima e for caindo.
Variações	A brincadeira pode ficar mais animada se valer alguma coisa para aquele em que ficar por último mais vezes. Escolher a próxima brincadeira, ganha um adesivo, uma medalha, um chocolate.
Segurança	Não necessita

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 15 – Pique Ilha

Denominação	Pique Ilha
Idade recomendada	A partir de 6 anos
Material utilizado	Colchões sarneige ou tatames
Número de participantes	Mínimo de 4
Duração	Indeterminada
Descrição	Os colchões são espalhados pela sala assim como as crianças que precisam ficar sobre eles. Há um pegador que não pode pisar nos colchões e só pode pegar quem também estiver fora deles. Quando o pegador encostar em alguém, essa pessoa será o novo pegador. A atividade pode começar apenas com corridas, mas pode-se fazer alterações nos comandos: ao chegar no colchão tem que ficar na posição do foguete (corpo esticado e braços para cima), fazer uma espacata, ficar na posição da vela, ficar na ponte e assim conforme o desenvolvimento da turma.
Variações	Só pode trocar de colchão pulando num pé só, fazendo saltinho esticado, fazendo piruetas ou a critério da professora.
Segurança	Não necessita

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 16– Pique Gelo Circus

Denominação	Pique gelo circus
Idade recomendada	A partir de 5 anos
Material utilizado	Nenhum
Número de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminada
Descrição	A tradicional brincadeira com elementos circenses introduzidos. Um pegador que ao encostar a mão em um colega este deverá ficar paralisado como uma estátua, e dependendo do comando da professora, a maneira como este ficará congelado e voltará a brincadeira poderá ser diferente. Exemplo: congela na posição da baratinha (posição ajoelhada, grupada, com a testa no chão entre as mãos) e para voltar, alguém precisa saltar por cima ou fazer uma estrela sobre o amigo. Congela na posição da vela e alguém precisa assoprar para apagar a vela. Congela na ponte e para voltar alguém precisa passar por baixo.
Variações	A critério da professora
Segurança	As crianças deverão ser orientadas a se posicionarem congeladas longe umas das outras.

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 17 – Jogo da Bola

Denominação	Jogo da Bola
Idade recomendada	A partir de 5 anos
Material utilizado	Uma bola
Número de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminada
Descrição	Em roda as crianças precisam jogar uma bola de mão em mão, aleatoriamente, não precisando seguir uma ordem, mas quando a bola cair no chão, tanto quem jogou quanto quem não segurou fazem uma tarefa que será escolhida pela professora - tarefa essa relacionada a alguma modalidade circense.
Variações	A critério da professora
Segurança	Não necessita

Fonte: elaborado pela autora 2023

Quadro 18 – Salto Maluco

Denominação	Saltos Maluco
Idade recomendada	A partir de 6 anos
Material utilizado	Trampolim e colchão para aterrissagem
Número de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminado
Descrição	Nesta atividade, em que é inevitável que se formem filas e, com isso, a espera e demora na execução da atividade, faço uso da ludicidade na construção do pedido para a repetição dos movimentos. Um simples salto esticado pode se trazer a imaginação e ludicidade ao colocar um bambolê no alto (a frente do trampolim, acima do colchão de aterrissagem) e pedir para os alunos tocarem a lua. Assim o salto sairia mais alto e com o corpo mais esticado. O mesmo material pode ser usado para que eles entrem no aro de fogo sem encostar nas laterais (o bambolê agora estaria embaixo, perto do colchão e iria subindo para dificultar) o qual na horizontal pode ir se elevando (afastando do chão em direção ao teto) para que as crianças precisem pular mais alto, ou pode ir se distanciando (afastando do trampolim mais para frente).
Variações	Entre cada salto técnico (esticado, grupado, carpado, afastado, pirueta, leão) pode-se intercalar com saltos lúdicos, “saltos zoeira”, como salto pra foto, salto com careta, salto monstro ou qualquer um que esteja de acordo com brincadeiras em que a turma se sinta estimulada.
Segurança	Importante o uso de um colchão adequado para quedas, ou o uso de mais de um colchão para amortecer a chegada ao solo.

Fonte: elaborado pela autora 202

Quadro 19 – Queimado circense

Denominação	Queimado Circense
Idade recomendada	A partir de 8 anos
Material utilizado	Bola macia e Colchão sarneige
Número de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminado
Descrição	Nesta brincadeira todos deverão estar espalhados pelo espaço e uma bola será lançada ao alto, quando todos deverão tentar fugir da bola, porque quem conseguir pegar e estiver de posse dela, deverá jogá-la em direção ao corpo do outro com o objetivo de queimar (quando a bola bate no corpo e cai no chão). Quem estiver de posse da bola poderá dar até 3 passos para tentar se aproximar dos demais para lançar a bola. Ao ser queimada a criança deverá realizar uma tarefa indicada pela professora, que poderá ser desde alongamentos, saltinhos e polichinelos para aquecimento ou movimentos e posições como cambalhotas, estrelas, pontes e paradas de mão. Enquanto se executa a tarefa, o jogo fica pausado e a bola depois estará em posse desta pessoa que deverá jogar a bola para o alto para que a partida seja reiniciada. Aquele que conseguir segurar a bola não realiza nenhuma tarefa e de imediato já pode tentar queimar um novo participante.
Variações	Se o espaço utilizado for pequeno ou se tenha um número grande de participantes, pode-se retirar os 3 passos, de quem estiver de posse da bola. Pode-se ir fazendo uma “eliminação”, quando a pessoa queimada deverá ficar de fora e se manter realizando a tarefa, até que todos forem queimados, onde a cada pessoa queimada, deverá se juntar a primeira ou ao grupo que já estiver de fora do jogo.
Segurança	Atenção ao nível do grupo para a execução das tarefas

Fonte: elaborado pela autora 2023

Estes foram alguns exemplos das atividades lúdicas que uso nas aulas de circo na escola. Muitas das atividades são oriundas de brincadeiras já existentes e adaptadas para o contexto da aula e muitas outras vão surgindo ao longo do processo.

Algumas brincadeiras surgem em uma turma e não se adequam para outra, atividades que funcionam em todos os grupos e nas diferentes faixas etárias. Entender e perceber as crianças é de extrema importância para adequar as atividades e propostas, já que a metodologia é baseada na ludicidade, sendo construída a partir do que cada grupo demonstra como interesse.

Abre-se espaço para a construção deles para atividades e brincadeiras, encaixando o circo quando e onde eles não conseguirem. Estar atenta ao grupo com suas necessidades, dificuldades e experiências, fazendo uso de histórias e contextos, principalmente para os anos iniciais e, assim, mostrando para as crianças os objetivos aos quais queremos chegar, seja fazendo os truques ali, na frente deles, seja demonstrando através de uma foto ou um vídeo e assim mostrando também as minhas dificuldades e que podemos trabalhar e superar juntos todas elas.

Não se deve apenas impor uma atividade, acrobacia ou truque sem que as crianças possam sentir-se entusiasmadas naquela tentativa de acerto e desafio. Deve-se trazer o circo para o mundo deles e, assim, eles para o mundo do circo, através de toda a magia e lirismo que a infância pode ter, não com as dificuldades, medos e frustrações que podemos encontrar tanto na vida fora quanto dentro do circo.

7 – Considerações finais

Imagem 22 – Abra um sorriso



Fonte: Arquivo pessoal, foto de Manuella Brandão (2012)

“Rir, brincar, meu sonho é voar!”
música “Meu sonho é voar” (Circo da Silva)

A epígrafe que abre este capítulo é um trecho da música da Banda Circo da Silva, banda de palhaços que incorpora em suas músicas temas circenses, assim como números acrobáticos, cômicos e de equilíbrio em suas apresentações, cantando e encantando, levando alegria, magia, diversão e circo por onde passa. Pela sua relação com a temática deste trabalho, quando, em uma única frase relata o que foi proposto por diversos autores que defendem a

importância do brincar, do imaginar, sonhar para que as crianças tenham a possibilidade de voar e se relacionar com o mundo.

A infância, é o momento em que todos deveriam ter a oportunidade de rir, brincar, imaginar, recriar, para poder voar e seguir até a jornada na fase adulta, tendo toda a sua criatividade potencializada por meio de brincadeiras, jogos e práticas que façam sentido nesta etapa. Fase em que se constrói e reconstrói suas percepções e noções do mundo e suas potencialidades com o uso da imaginação e realidade, quando o real e o imaginário seguem juntos e se entrelaçam muitas vezes. Uma fase com muitas peculiaridades que devem ser respeitadas e permitidas de serem vividas. Estando inclusive assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o direito da criança de brincar e divertir-se.

Partindo de uma revisão bibliográfica que passa por diversos autores que citam ser o brincar a parte mais importante da infância já sendo apontado em diversas pesquisas como um fio condutor que potencializa o aprendizado nesta faixa etária. Demonstrando ser possível desenvolver as atividades por meio do brincar, explorando as práticas em que as crianças experimentem seus corpos brincantes com a possibilidade de expressarem vontades e sentimentos, entendendo as crianças como seres completos e que já trazem consigo experiências, desejos, vontades, percepções de mundo fazendo-se necessária uma interdisciplinaridade nos estudos para uma melhor compreensão delas.

Então nada mais oportuno em que nas aulas de circo na escola, a criança tenha esta possibilidade e aprenda esta modalidade de forma leve e divertida. Sendo animada, causando prazer e entretenimento para elas, uma atividade lúdica.

Assim, por meio da autoetnografia, pesquiso e investigo, sendo sujeito da prática estudada, trazendo o relato da minha experiência em uma escola do Rio de Janeiro. Evidencio minha prática de forma clara e objetiva, expressando significado e interpretando-os, para demonstrar as possibilidades de um trabalho lúdico na escola para o ensino do circo para crianças.

Partindo do conceito que a escola é uma instituição de ensino destinada ao coletivo e que faz-se necessária a percepção do todo, das turmas, das crianças, para realmente exercer as funções educacionais, de aprendizagem necessárias.

Sendo um espaço para troca de saberes, experiências, relações e socialização. Evidenciando que não é um lugar para apenas se passar conhecimentos, saberes e elas apenas sendo mero expectadores, mas que juntos devemos construir o conhecimento, compartilhar experiências. Quando cada relação se potencializa como uma possibilidade de aprendizado, sendo com os professores, colegas e os demais participantes do ambiente escolar. Lugar em que devemos criar meios para a construção dos saberes.

Com a interlocução entre a teoria pesquisada e a minha prática, apresento a proposta em que as atividades circenses façam sentido para as crianças, em que elas aprendam brincando, sem repetições exaustivas, por meio de jogos e brincadeiras que apresentem o circo para elas de modo especial e atrativo, analisando de forma positiva o papel da ludicidade nesta construção. Quando o processo é mais importante que o produto, sendo prazeroso e se tenha uma auto motivação para superar obstáculos. Com uma aula alegre, divertida, em que o aprender seja espontâneo.

As atividades circenses chegaram ao contexto escolar, como foi citado em diversas referências, mas estando muito relacionado as aulas de Educação Física, esse encontro com a cultura corporal, facilitada pela semelhança das acrobacias de solo com os exercícios ginásticos, sejam pelo conteúdo aprendido pelo professores em suas formações quanto pelo espaço e material disponíveis para as aulas nas escolas. E sempre registrado o papel do professor como a figura principal deste processo e pela incorporação das atividades circenses nas aulas. Fazendo com que o circo se apresente como um diferencial nas aulas de Educação Física ou Artes.

Porém nesta pesquisa demonstro as possibilidades e potencialidades das atividades circenses na escola como sendo a parte principal, uma disciplina com cronograma e conteúdos e não apenas aparecendo em um dia ou um período especial. Mas para isso acontecer e trazer todos os alunos para dentro da aula, com uma participação efetiva é essencial fazer uso do lúdico nas aulas em que ao mesmo tempo são divertidas, alegres, motivadoras, mas quando também tenho a possibilidade de trabalhar não só as habilidades corporais das crianças como correr, saltar, lateralidade, equilíbrio, coordenação, mas também desenvolver o senso de coletivo, respeito a si e ao outro, cuidado, atenção, desinibição,

entendimento sobre regras, socialização, entre outras muitas possibilidades durante as aulas.

Nesta pesquisa demonstro por meio de diversos autores a importância do brincar e da ludicidade permeando o processo do ensino-aprendizagem nas aulas. Além de algumas atividades lúdicas em que as atividades circenses podem ser incluídas, para que gradativamente os discentes sintam a vontade, e tenham interesse em por eles mesmo em desenvolver e trabalhar mais especificamente alguma modalidade ou técnica.

Entendendo sempre a importância da segurança e o respeito com as suas dificuldades, quando cada um tem o seu tempo de aprendizado e uma maior habilidade ou dificuldade em determinado movimento ou posição. Fazendo a construção baseada no que as crianças já apresentam, não negligenciando o que elas já trazem tanto corporalmente quanto socialmente, apesar da pouca idade.

Importante também destacar que a pesquisa teve início em meio a pandemia do coronavírus, e com isso teve a necessidade de ter a sua pesquisa de campo adiada. Mas com esse atraso, ficou muito evidente a importância do lúdico no processo das aulas, quando as crianças tinham passado muito tempo reclusas e em distanciamento social. Essa volta a vida em sociedade e às regras da estrutura escolar ficaram mais leves quando trabalhadas por meio de brincadeiras. A desconstrução do medo, da ansiedade, da inibição visivelmente aconteceram mais facilmente com as brincadeiras e jogos lúdicos, assim como a ressocialização.

Durante o texto, além de apresentar as possibilidades na construção de uma metodologia lúdica, creio ter conseguido responder as perguntas norteadoras desta pesquisa, demonstrando ser possível o ensino das atividades circenses de forma lúdica, sem a necessidade de focar exclusivamente na técnica para a construção das habilidades circenses. E que o caminho, a construção, a aprendizagem tem um papel muito relevante sobre o que será obtido como resultado, como aprendizado final. Já que muito mais do que uma habilidade técnica, as aulas de atividades circenses buscam potencializar a criatividade, imaginação, perseverança, força de vontade, socialização, cooperação, desinibição, dentre tantas outros aspectos que não estão em primeiro plano nas

aulas, mas que se trabalhados em conjunto tornam a atividade muito mais benéfica e enriquecedora para a criança do que apenas aprender um truque.

Ademais, entendo que esta pesquisa apresentou um caso muito específico sobre uma escola do Rio de Janeiro, que conta com três unidades diferenciadas, com apenas duas professoras trabalhando em conjunto para o desenvolvimento das aulas e que não representa o contexto escolar em que o ensino das artes circenses aparece, mas foi feita uma abordagem inicial discutindo com a literatura especializada já constante sobre o tema.

Dessa forma, após discussão com os estudos já realizados sobre o assunto, foi possível ampliar a nossa visão sobre o que e como fazemos, na certeza da importância de futuras pesquisas para melhor elucidação do tema e acreditando na valia deste trabalho para futuros estudos e inspirações para outros docentes e pesquisadores sobre o tema abordado: circo e ludicidade no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ABREU A. et al. **A ludicidade no desenvolvimento da criança: uma experiência de iniciação científica**. Belém, PA: UFPA, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/12853/1/Artigo_LudicidadeDesenvolvimentoCrianca.pdf> Acesso em: 20 de fev. de 2022.
- ALMEIDA, P. N. de. **Língua Portuguesa e ludicidade: ensinar brincando não é brincar de ensinar**. Orientador: Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-41076/lingua-portuguesa-e-ludicidade--ensinar-brincando-nao-e-brincar-de-ensinar> Acesso em: 19/08/2022
- BARONI, J.F. Arte Circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas. **Pensar a prática**, v.9, n.1, 81-99, jan./jun. 2006. <https://doi.org/10.5216/rpp.v9i1.126>
- BEZERRA, S.L. et al. A compreensão da infância como construção sócio-histórica. **Revista CES Psicologia**, 7(2), p. 126-137, 2014.
- BORTOLETO, M. A. C.; CELANTE, A. R. **O ensino das atividades circenses no curso de Educação Física: experiências na universidade pública e privada**. In: PEREIRA, E. M. A.; CELANI, G.; GRASSI-KASSISSE, D. M. (orgs). **Inovações curriculares: experiências no ensino superior**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.
- BORTOLETO, M. A. C.; DUPRAT, R. M. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, 2007.
- BORTOLETO, M. A. C.; SILVA, E. Circo: educando entre as gretas. **Rascunhos – Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, n. 4, v.2, p. 104-117, 2017. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/318742609_Circo_educando_entre_as_gretas>. Acesso em: 17 de mar. De 2022. <https://doi.org/10.14393/issn2353-3703.v4n2a2017-07>
- BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, Santo André, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.
- BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; SILVA, E. **Circo: horizontes educativos**. Campinas: Autores Associados, 2016.
- BORTOLETO, M. A. C.; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E. **Jogando com o circo**. São Paulo: Fontoura, 2011.
- BOSSLE, FABIANO; MOLINA Neto, VICENTE. No “olho do furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 31, núm. 1, setembro, 2009, pp.

131-146 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte Curitiba, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338540009>> Acesso em 28 de agosto de 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 23 de jun. de 2021.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 23 jun. 2021.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confir> - acessado em:23.02.2023

_____. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 23 de jun. de 2021.

_____. **Plano Nacional de Educação - PNE**, Lei no 13.005/2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>> Acesso em 23 de jun. de 2021.

_____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Caderno de Educação em Direitos Humanos. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionaispdf&Itemid=30192> Acesso em: 23 de jun. de 2021.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>> Acesso em: 23 de jun. de 2021.

CARAMÊS, A. S.; KRUG, H. N.; TELLES, C.; DA SILVA, D. O. Atividades circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. **Motrivivência**, v.14 n.39, p. 177-185, 2012. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2012v24n39p177>

CARDANI, L. T.; ONTAÑÓN, T. B.; RODRIGUES S., G.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. **Revista Brasileira de Ciencia e Movimento**, n.25, v. 4, p. 128-140. Campinas, SP, 2017.

CARDANI, L. T. **O ensino das atividades circenses nas escolas municipais de Campinas- SP**. Orientador: Professor Doutor Marco Antonio Coelho Bortoleto Trabalho de conclusão de curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/trabalho-academico/o-ensino-das-atividades-circenses-nas-escolas-municipais-de-campinas-sp-pdf/> Acessado em: 10/01/2022

CARDANI, L. T. **Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola** Orientador: Professor Doutor Marco Antonio Coelho Bortoleto – Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1080414> Acesso em: 10/10/2022 <https://doi.org/10.31501/rbcm.v25i4.7723>

CARDANI, L. T.; SPOLAOR, G. C.; ONTAÑÓN, T. B. **O processo de criação coletiva no projeto de extensão universitária "Atividades Circenses para Crianças"** da FEF- UNICAMP. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/CONBRACE. Vitória, 2015.

CASTRO, A. V. **A arte do insólito**, 2010. Disponível em: http://www.circonteudo.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=2708:a-arte-do-insolito. Acesso em: 09 outubro, 2022.

CASTRO, A. V. **O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CASTRO, M. **Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções**. Anais do Seminário do 16º COLE. UFF. Rio de Janeiro/RJ, 2010.

CHANG, H. **Autoetnography as Method**, jan, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/40010651_Autoethnography_as_Method Acessado em: 12.12.2022

COASNE, P. J. **Pour une approche artistique du cirque au collège. Elaboration d'une ingénierie didactique collaborative en EPS en classe de 5ème**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Esportivas. Universidade Europeia de Bretanha "Université Rennes 2". Rennes (França), 2013.

CORSI, L. M. **A educação física na educação infantil: uma proposta interdisciplinar de atividades circenses**. Trabalho de Conclusão de Curso - Orientação de Ademir De Marco. Campinas, SP: [s.n.], 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330155081> Acessado em: 18.03.2023

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. Arte circense na escola: possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar. Ponta Grossa: **Rev. Olhar de professor**, v.11, n.1, p.197-217, 2008
<https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.11i1.197207>

DA SILVA, D. O. et al. O circo na escola: um relato de experiência dos professores. **Revista Didática Sistemica**, v. 16, n. 2, p. 84-92, 2014.

DE MARCO, A. **Circo, desenvolvimento e educação infantil**. In: BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; SILVA, E. **Circo: horizontes educativos**. Campinas: Autores Associados, 2016.

DIAS, L. C. **A arte circense no ensino infantil: reflexões sobre uma proposta**. Orientadora: Elaine Prodocimo - Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/448524>
 Acessado em: 19.11.2022

DIAS, V. N. As contribuições de Piaget para a educação no mundo contemporâneo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 944–958, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i4.1044. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1044>> Acesso em: 28 de jun. De 2021. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i4.1044>

DUPRAT, R. M.; PEREZ GALLARDO, J. S. **Artes circenses no âmbito escolar**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

DUPRAT, R.M.; ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C. **Atividades circenses**. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; DE OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Ginástica, dança e atividades circenses**. 1. Ed. Maringá: Eduem: Editora da Universidade Estadual de Maringá, v. 3, p. 119-157, 2014.

DUPRAT, R.M. **A arte circense como conteúdo da Educação física**. Relatório Final de Atividades de Iniciação Científica financiada pelo SAE. Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/333209> Acesso em: 8/01/2022

DUPRAT, R.M. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar** - Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2007. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ED_UCACAO_FISICA/dissertacao/Duprat.pdf Acesso em: 17/11/2022

DUPRAT, R.M. **Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior**. 2014. Orientador: Professor Doutor Marco Antonio Coelho Bortoleto. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/928705> Acesso em: 04/09/2022

DUPRAT, R.M.; BORTOLETO, M.A.C. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, p. 171-189, 2007.

Ellis, Carolyn & Bochner, Arthur. (2000). **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject**. **Handbook of Qualitative Research**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254703924_Autoethnography_Personal_Narrative_Reflexivity_Researcher_as_Subject Acesso em: 15/07/2022

FORBEL, F. **Pedagogics of the kindergarten** Translated by Josephine Jarvis. New York: Appleton, 1917. Disponível em: <https://ursecure.roehampton.ac.uk/digital-collection/froebel-archive/pedagogics-kindergarten/Pedagogics%20of%20Kindergarten%20complete.pdf> Acesso em: 12/05/2022

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/903> Acesso em: 13/05/2022

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai./jun. 1995. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>

GONÇALVES, L.L.; LAVOURA T.N. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico- crítica. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.19, n.4, p.77-88, 2011.

ILKIU, E. C. Temporalidades – **Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG**, vol. 3 n. 1. Janeiro/Julho de 2011 – ISSN: 1984-6150 www.fafich.ufmg.br/temporalidades. Acesso em: 15/01/ 2023.

INVERNÓ, J. **Circo y educación física: otra forma de aprender**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/39207289_Circo_y_educacion_fisica_otra_forma_de_aprender Acesso em: 27/03/2022

KISHIMOTO, T. M.; CERISARA, A.B.; BROUGÈRE, G.; DANTAS, H.; PERROT, J.; MRECH, L.M.; AMARAL, M.N.C.P.O **Brincar e Suas Teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2019

KRONBAUER, G. A.; NASCIMENTO, M. I. de M. Circo, educação e continuidade: a criação da escola nacional e a formação do artista no Brasil entre 1975-1984. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 578–604, 2017.

<https://doi.org/10.20396/rho.v17i2.8650407> - Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8650407>.
 Acesso em: 12 jun. 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, E. A. **Lugar de circo é na escola**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020

LIMA, E. M. de. A organização do lúdico como objeto de ensino na Educação Física Infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 11, Vol. 12, pp. 40-53. Novembro de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/a-organizacao>> Acesso em: 12 de mar. de 2022.
<https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/a-organizacao>

LINS, L. L. B.; SILVA, M. M. Palhaçada na escola: o circo como conteúdo da educação física. **R. Min. Educ. Fís., Viçosa**, v. 15, n. 1, p. 87-103, 2007. ^[1]_{SEP}

LOPES, R. A.; **Semear-se (em) um campo de dilemas: uma autoetnografia de um professor de educação física principiante na zona rural de Ivoti/RS**, 2012 (dissertação) Orientadora: Rosane Maria Kreuzburg Molina
 URI:<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4152> - acessado em: 04-09-2022

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: uma abordagem qualitativa**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2013.

MADUREIRA, J. R.; SOARES, C. L. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 75–88, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2869. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2869>. Acesso em: 18 fev. 2023. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2869>

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas para educação infantil: conceitos, orientações e práticas**. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

MARCELINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MARCELINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. **O que é a escola a partir do sentido construído por alunos**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/cFhY4m7NZp6Q3YCCxgtMkcb/abstract/?lang=pt#:~:text=Os%20resultados%20mostram%20que%20a,cansa%C3%A7o%20de%20alunos%20e%20professores>> Acesso em: 20 de fev. de 2022.

MASTELLA, I.C.R. et al. **A teoria Piagetiana na educação atual: um retorno necessário.** XVI Seminário Internacionla de Educação no Mercosul, Crus Alta, jan. 2014. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20A%20EDUCACAO/ARTIGO/ARTIGO%20-%20A%20TEORIA%20PIAGETIANA%20NA%20EDUCACAO%20ATUAL%20UM%20RETORNO%20NECESSARIO.PDF> - Acessado em: 27.01.2023

MILANI, C. S. **O circo na educação física escolar: representações no distrito de Barão Geraldo.** Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto. Trabalho de conclusão de curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/trabalho-academico/as-atividades-circenses-na-educacao-fisica-escolar-representacoes-no-distrito-de-barao-geraldo-pdf/> Acesso em: 11/01/2023

MIRANDA, A. C. M.; LARA, L. M. Clown e Educação Física: A brincadeira é séria. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 181-192, jan./mar. de 2015. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46519>

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, R.; OLIVEIRA, V. F. **A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas.** Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf> Acesso em 08 de mar. de 2022.

ONTAÑÓN, T. B. **Atividades circenses na educação física escolar: equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos.** Orientador: Professor Doutor Marco Antonio Coelho Bortoleto. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/trabalho-academico/atividades-circenses-na-educacao-fisica-escolar-equilibrios-e-desequilibrios-pedagogicos-pdf/> Acesso em: 22/07/2022

ONTAÑÓN, T. B. **Circo na escola: por uma educação corporal, estética e artística.** Orientador: Professor Doutor Marco Antonio Coelho Bortoleto Tese de Doutorado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/968547> Acesso em: 22/07/2022

ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C. Todos a la pista: El circo em lãs clases de educación física. **Apunts. Educación Física y Deportes** - 2014, n.o 115, 1.er trimestre (enero- marzo), pp. 37-45 - ISSN-1577-4015, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5516/551656906003.pdf> Acesso em: 22/07/2022

ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C., SILVA, E. Educación corporal y estética: las actividades circenses como contenido de la educación física. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 62, p. 233-243, 2013.

ONTAÑÓN, T. B.; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento**, vol. 18, 2, 2012.

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.22960>

PEREIRA, K. R. L. O lúdico na infância – Um elemento propulsor do desenvolvimento da criança. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 09, Vol. 02, pp. 165-179. Setembro de 2021. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/elemento-propulsor/>> Acesso em: 12 de mar. de 2022.

PEREIRA, A.S.; SHITSUKA, D.M.; PARREIRA, F.J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico]** 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.1 e-book Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf Acesso em: 20/04/2022

PRICE, C. Circus for Schools: Bringing a Circo Arts Dimension to Physical Education. **Revue PHENEPS**, Canada, v. 4, n. 1, 2012

PRODÓCIMO, E.; NAVARRO. M. S. Reflexões sobre o brincar: uma visita a um parque público em São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, Brasil.- **Revista Iberoamericana de Educación**, ISSN: 1681-5653 n.º 47/4 – 10 de noviembre de 2008 EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 2008. <https://doi.org/10.35362/rie4742285>

RAMOS, K. C.; SQUIPANO, P. V. **A importância da ludicidade dentro da escola**. Disponível em: <http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/162a0493a6bc0a05ee56b36381974492.pdf> Acesso em 20 de fev. de 2022.

RODRIGUES, L. H. **Representação das atividades circenses na escola**. Orientador: Professor Doutor João Batista Freire. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos, Universidade de Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006c/00006c24.pdf> Acesso em: 00/00/2023

SANTOS, A.; LAURO, B. R. **Infância, criança e diversidade: proposta e análise**. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a23.pdf>> Acesso em 20 de fev. de 2022.

SANTOS R. G. **Pedagogia das atividades circenses na educação física escolar: experiências da arte em escolas brasileiras de ensino fundamental**. Orientador: Professor Doutor Marco Antonio Coelho Bortoleto. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 2018. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/trabalho-academico/pedagogia-das-atividades-circenses-na-educacao-fisica-escolar-experiencias-da-arte-em-escolas-brasileiras-de-ensino-fundamental-pdf/> Acesso em: 10/08/2022

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 7 jan. 2023. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>

SARAIVA Junior, **Dicionário da Língua Portuguesa ilustrado**, 3ª edição – São Paulo: Saraiva, 2009.

SARAVALI, G.; GUIMARÃES, E. P. Dificuldades de Aprendizagem e Conhecimento: um olhar à luz da teoria piagetiana. **Olhar de Professor**, vol. 10, núm. 2, 2007, pp. 117-139. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68410208.pdf> Acesso em: 25.02.2023 <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.10.1491>

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SCHLICHTING, L.; CHRISTOFER MARTINS, M. Circo na educação infantil: o papel da arte circense como método lúdico para o desenvolvimento e aprendizagem. **Cadernos Acadêmicos Unina**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/view/125>> Acesso em: 11 de jun. De 2022. <https://doi.org/10.51399/cau.v2i1.125>

SILVA, D. O.; SOUZA, A.; TELLES, C.; KRUG, H. N.; KUNZ, E. Atividades circenses na escola: caminhos à organização didática a partir da concepção crítico-emancipatória. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.1. mar/2016. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1204>

SILVA, D. O. et al. O circo na escola: um relato de experiência dos professores. **Revista Didática Sistêmica**, v. 16, n. 2, p. 84-92, 2014.

SILVA, E . **Circo-teatro. Benjamim de Oliveira e a tetralidade circense no Brasil**. 1. ed. são paulo: Altana, 2007.

SILVA, E . **História do Circo no Brasil ? Sua Arte, Seus Saberes e Memórias**. São Paulo: circoencantado, 2003. Artigo publicado no site: www.circoencantado.com.br. Acessado em 05/04/2022

SILVA, E . **O circo era uma escola única e permanente. Rede Circo do Mundo Brasil - uma proposta metodológica em rede** (Fase), Rio de janeiro, p. 34 - 38, 01 mar. 2003.

SILVA, E . O novo está em outro lugar. In: Rede Sesc de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas. (Org.). **Palco Giratório, 2011. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011, v. 1, p. 12-21.**

SILVA, F. V. Tirem as crianças do sofá! Ressonâncias Biopolíticas em discursos sobre o sedentarismo infantil. V.14 n.29 (2020): **Revista (Con) Textos Linguísticos** - <https://doi.org/10.47456/cl.v14i29.31182> - acesso em 13.02.2023

Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/31182>

SILVA, G. K. S.. Ludopedagogia: contribuições na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 645–656, 2021. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i5.1224> Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1224>> Acesso: 28 de jun. 2021.

SILVA, L. O.; MARTINELLI, R. O circo itinerante: compartilhando experiências de estágio de educação física na educação infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 7, n. 2, 2017.

SILVA, M. R. **O tecido circense como prática corporal na escola: experiências e perspectivas**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2014.

SIZORN, M. Le cirque à l'épreuve de la scolarisation: Artification, légitimation... normalisation? **Staps**, n.103, p.23-38, 2014. <https://doi.org/10.3917/sta.103.0023>

SPOLAOR, G. C.; PRODÓCIMO E. Corpo e escola: o que o brincar nas filas [re]vela. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-16, abril/junho, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. 2 ISSN 2175-8042.. Disponível em <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/60> Acesso em: 20 de fev. de 2022 <https://doi.org/10.5007/2175-80402.2020e66349>

SOUZA JÚNIOR, M. B. M.; MELO, M. S. T.; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, v. 16, n. 3, p. 31-49, 2010. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.11546>

TAGLIAFERRO M. de F. G. A. A escola e os desafios da educação contemporânea. **Revista Artigos**. Com, v. 18, p. e3572, 26 jun. 2020.

TAKAMORI, F. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LIPORONI, M. O; DI CAVALLOTTI, T. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6729>. Acesso em 25/10/2022 <https://doi.org/10.5216/rpp.v13i1.6729>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASQUES, H. C.; OTA, G. S. G.; DE MARCO, A. O circo na educação infantil: vivências e representações artísticas. **Motrivivência**, v. 31 n.60, 2019. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e60124>

VERDEN-ZÖLLER, G. **O brincar na relação materno-infantil**. In: MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São PAULO: Palas Athenas, 2004.

VIEIRA, L. B.; RODRIGUES, E. A.F. O Ensino Lúdico Nos Anos Iniciais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento**, Ano 01, Edição 11, Vol. 10, pp. 136-153. Novembro de 2016. ISSN: 2448-0959

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009

CARTA DE SOLICITAÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES

Prezado (a) Diretor (a),

Esta carta tem como objetivo solicitar junto a esta instituição a autorização para realizar parte da pesquisa intitulada “A arte circense na escola: a ludicidade e o brincar no ensino fundamental I” nas dependências da mesma.

Pesquisadora responsável: Ludmilla Coelho da Silva

Orientação da pesquisa: Profa. Dra. Rita de Cássia Fernandes – FAEFI/UFU

OBJETIVO DA PESQUISA: Aprofundar os estudos e trazer uma reflexão crítica sobre o ensino das atividades circenses de maneira lúdica por meio do brincar e mais precisamente, a necessidade de ampliar o debate com respeito às orientações didático-pedagógicas e metodológicas das atividades circenses no contexto escolar, compreendendo o processo de ensino aprendizagem das atividades circenses por meio de atividades e experiências lúdicas em que o brincar permeie o processo e a infância seja respeitada e colocada como ponto de partida para o ensino.

JUSTIFICATIVA: O circo aparece em diferentes âmbitos, entre eles o artístico, recreativo e mais recentemente, o educativo. É cada vez maior o interesse dos professores e das instituições em incluir as atividades circenses como um dos conteúdos a ser trabalhado nas escolas. Assim, surge a necessidade de ampliar o debate sobre o assunto especialmente com respeito às orientações didático-pedagógicas e metodológicas das atividades circenses no contexto escolar.

METODOLOGIA: O procedimento de coleta de informações parte da vivência nas aulas por parte da pesquisadora e profesora da instituição, que em seus 6 anos de práticas pedagógicas, pôde observar, vivenciar e dialogar com a literatura já existente e com a outra professora de circo da instituição sobre desenvolvimento das aulas, métodos empregados, reações dos alunos, etc.

TERMOS DA PARTICIPAÇÃO: Ao participar a instituição permitirá o uso das informações obtidas nestas atividades para usos única e exclusivamente acadêmico-científicos, com a preservação da identidade oficial dos envolvidos, o sigilo enquanto a identidade dos alunos será mantido em todo momento. Todos os implicados no estudo terão acesso a uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e no final da pesquisa, será encaminhada uma cópia do relatório final.

AUTORIZAÇÃO: Tendo em vista os argumentos apresentados, entendo que tenho como garantia, como instituição participante da pesquisa, acesso à metodologia do trabalho. Também estou esclarecendo que não há riscos previsíveis na participação desta instituição na respectiva pesquisa. É também de meu conhecimento que os dados obtidos terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão, mantendo em todo momento a garantia de sigilo sobre a identidade dos alunos e não havendo custos nem ganhos financeiros para a

participação desta instituição.

Em conformidade com o exposto acima, eu, _____, portador do documento _____, autorizo a realização da pesquisa “A arte circense na escola: a ludicidade e o brincar no ensino fundamental I” realizada pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, sob-responsabilidade da pesquisadora Ludmilla Coelho da Silva, no período das aulas de circo ministradas pela mesma, dentro da instituição.

Observação: Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados através dos seguintes endereços eletrônicos:

ludmilla.silva@ufu.br ; rita.miranda@ufu.br

Assinatura do(a) diretor(a) da instituição

Pesquisadora

Orientadora